



Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Hortência da Conceição Moraes

**Pronominalização do Objeto Direto no Português Brasileiro
Dialetal**

Brasília

2013

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Hortência da Conceição Moraes

Pronominalização do Objeto Direto no Português Brasileiro Dialetal

Trabalho apresentado à disciplina
Projeto de Curso como requisito parcial
para a conclusão do curso de graduação em
Letras – Português da Universidade de
Brasília sob orientação da professora Dra.
Heloísa Maria Moreira Lima de Almeida
Salles.

Brasília
2013

“Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.”

Oswald de Andrade

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo investigar e analisar os pronomes usados na função de objeto direto (OD) no português dialetal do Centro-Oeste, mais especificamente do município de Catalão – GO, bem como fazer uma comparação com o português falado em outra região do Brasil e por outros grupos sociais.

Os dados usados para a análise foram extraídos de um *corpus* presente em uma tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da FCL/UNESP – Câmpus de Araraquara, para a obtenção do título de doutora em linguística e língua portuguesa, escrita por Maria Helena de Paula. O *corpus* é composto por onze narrativas orais de falantes que viveram na zona rural no município de Catalão – GO. Optou-se por analisar os pronomes que estão na posição de objeto direto, nesse *corpus*, por ele trazer as características de um português considerado popular, bem como para contribuir e ampliar os estudos linguísticos acerca do tema apresentando. Este trabalho tem como foco o sistema pronominal do português, o que não significa que no *corpus* não haja ocorrências de apagamento do objeto direto, o chamado objeto nulo.

Neste trabalho, foi analisada a estrutura sintática das orações coletadas no *corpus*, mostrando que frases que possuem uma estrutura sintática mais complexa favorece o uso de pronomes fortes. Entretanto, no *corpus*, esses pronomes também são usados em estruturas simples. Também foi constatado que o sistema pronominal encontrado na gramática tradicional difere do sistema pronominal encontrado no vernáculo do português brasileiro (PB), notadamente no português brasileiro dialetal (PBD), havendo formas em desuso e outras que são usadas na posição de OD. Além disso, fazendo uma comparação com outros estudos que mostram o uso desses pronomes por pessoas que possuem escolaridade, foi verificado que há diferenças com relação à preferência por tais pronomes. Este trabalho está dividido em quatro seções, a saber: estudos nas gramáticas tradicionais, estudos linguísticos, metodologia e análise dos dados coletados no *corpus*.

Palavras-chave: Objeto direto, clíticos, pronome forte, pronome lexical, forma reduzida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por sempre me abençoar;

Aos meus pais, Ireny Alexandrina da Conceição e Aurélio Vieira de Moraes, por terem me acompanhado durante a realização deste trabalho, me apoiando sempre;

À professora Heloísa Maria Moreira Lima de Almeida Salles por ter aceitado a me orientar e por ter me orientado durante a realização deste trabalho;

Às minhas irmãs e ao meu namorado por todo o apoio dado e pela paciência que tiveram comigo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. ESTUDOS NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS	8
3. ESTUDOS LINGÜÍSTICOS	12
3.1 Amadeu Amaral (1920) e o <i>Dialecto Caipira</i>	12
3.2 A pesquisa de Duarte (1986)	13
3.3 A hipótese de Nunes (1993)	16
4. METODOLOGIA: IDENTIFICAÇÃO DOS FALANTES	20
5. ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS NAS NARRATIVAS ORAIS.....	21
5.1 Representação da 1ª pessoa do singular	21
5.2 Representação da 1ª pessoa do plural	24
5.3 Representação da 2ª pessoa	26
5.4. Representação da 3ª pessoa	27
6. CONCLUSÃO	33
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
ANEXOS	35

1. INTRODUÇÃO

O sistema pronominal do português falado no Brasil é um fenômeno bastante conhecido pelos linguistas, pois há vários estudos acerca do tema. Com isso, o presente trabalho visa ampliar a investigação desse fenômeno no português dialetal do Centro-Oeste, pretendendo analisar os pronomes de 1^a, 2^a e 3^a pessoas na função de objeto direto, observando se há variação no seu uso em um *corpus* retirado de uma tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da FCL/UNESP – Câmpus de Araraquara, para a obtenção do título de doutora em linguística e língua portuguesa, escrita por Maria Helena de Paula. Esse *corpus* é composto por narrativas orais de falantes do município de Catalão – GO. Esses falantes são analfabetos ou semianalfabetos e têm idade superior a 60 anos, exceto um com 53 anos.

A escolha desse *corpus* justifica-se pelo fato do mesmo trazer as características do português falado na região de Goiás, tendo em vista que os estudos sobre o sistema pronominal nessa região são escassos, também visa fazer uma análise comparativa com o português falado na região de São Paulo considerando um nível de escolaridade e faixa etária diferentes do *corpus* em questão, ou seja, visa fazer uma análise comparativa com outra região e grupos sociais distintos, considerando os dados obtidos em Duarte (1986). Além disso, este trabalho pretende contribuir para o entendimento gramatical e linguístico acerca do tema estudado e ampliá-lo, procurando reafirmar fatos estudados por vários linguistas.

Durante os estudos linguísticos realizados foi observado que a nomenclatura usada para representar a terceira pessoa difere entre os linguistas. Por exemplo, para Nunes (1993) o pronome de terceira pessoa (ele, ela, eles e elas) é chamado de tônico, já para Duarte (1986) é chamado de pronome lexical, pois, para essa autora, este é o pronome pessoal do caso reto. Neste trabalho, para representar o pronome pessoal do caso reto na posição de OD será adotado a nomenclatura usada por Duarte (1986), ou seja, pronome lexical.

Este trabalho está dividido em quatro seções, a saber: estudo nas gramáticas tradicionais, estudos linguísticos, metodologia e análise do *corpus*. A primeira seção mostrará a visão da gramática tradicional com relação ao sistema pronominal na língua portuguesa. A segunda seção abordará os estudos de vários linguistas sobre o tema, mostrando as pesquisas e a pronominalização do objeto direto que difere da gramática

tradicional. A terceira seção tratará sobre o *corpus* e a identificação dos falantes. Finalmente, a quarta seção tratará da análise do *corpus*, mostrando os pronomes e o uso deles na fala dos narradores.

2. ESTUDOS NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

Bechara (2009) define pronome como a classe de palavras que reúne um número limitado de elementos e “que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto”. O autor afirma que semanticamente os pronomes indicam dêixis, ou seja, estão habilitados, como gestos verbais, como indicadores. Essa dêixis é anafórica se aponta para um elemento enunciado anteriormente, ou catafórica se aponta para um elemento que ainda será enunciado ou não está presente no discurso.

De acordo com Cunha e Cintra (2007) os pronomes podem ser classificados como um substantivo quando exercem a função de um substantivo e como um adjetivo quando acompanham a um substantivo modificando-o. Os pronomes pessoais se caracterizam por representarem as três pessoas gramaticais (quem fala: 1ª pessoa, com quem se fala: 2ª pessoa e de quem se fala: 3ª pessoa) e por expressarem, na 3ª pessoa, uma forma nominal expressa anteriormente.

Segundo a gramática tradicional os pronomes pessoais são classificados de acordo com a função que desempenham na oração e com a acentuação que nela recebem. Podendo ser considerados retos quando funcionam como sujeito e oblíquos quando funcionam como complemento. Quanto à acentuação, as formas oblíquas são classificadas como átonas e tônicas. Segundo Cunha e Cintra (2007) as tônicas sempre estão acompanhadas por preposição.

Nos capítulos em que são abordados os pronomes pessoais as gramáticas tradicionais colocam o seguinte quadro, divergindo de uma gramática para outras some algumas formas:

		Pronomes pessoais retos	Pronomes pessoais oblíquos	
			Átonos	Tônicos
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim
	2ª pessoa	tu	te	ti
	3ª pessoa	ele,ela	o, a, lhe	ele, ela
Plural	1ª pessoa	nós	nos	nós
	2ª pessoa	vós	vos	vós
	3ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

No quadro encontrado na gramática de Cunha e Cintra (2007) são acrescentados os pronomes tônicos *comigo*, *conosco*, *contigo* e *convosco* para a primeira e segunda pessoa do singular e do plural, respectivamente.

Bechara (2009) deixa claro que o pronome pessoal reto exerce a função de sujeito e de predicativo e o oblíquo, a função de complemento. Afirma também que a forma átona não é acompanhada por preposição e que a forma tônica exige a preposição. Porém, segundo o autor, existem casos em que esta regra pode ser contrariada, ocorrendo a forma reta pela oblíqua. O autor enumera cinco casos em que é possível ocorrer isso.

“a) quando o verbo e seu complemento nominal estiverem distanciados, separados por uma pausa:

Subiu! E viu com seus olhos.

Ela a rir-se que dançava [GD]

b) nas enumerações e aposições, também com distanciamento do verbo e complemento:

Depois de muita delonga o diretor escolheu: *eu*, o Henrique e o Paulinho.

c) precedido de *todo*, *só* e mais alguns adjuntos, pode aparecer *ele* (e flexões) por *o* (e flexões):

d) quando dotado de acentuação enfática, no fim de grupo de força:

Olha ele!

e) em coordenações de pronomes ou com um substantivo introduzidos pela preposição entre: entre *eu* e *tu* (por entre *mim* e *ti*); entre *eu* e o aluno, entre José e *eu*.”

No último caso, o autor afirma que em caso de rigor gramatical recomenda-se o uso dos pronomes oblíquos tônicos. É importante ressaltar que Bechara (2009) afirma que no português moderno o pronome *ele* aparece como objeto direto somente quando precedido de *todo* e *só* ou dotado de acentuação enfática. Caso contrário, emprega-se o pronome átono *o* e flexões como objeto direto.

Outra observação importante encontrada na gramática de Bechara (2009) é o emprego dos pronomes tônicos preposicionados *a mim, a ti, a nós, a vós, a ele, a ela* pelos pronomes átonos. Isso ocorre quando: o pronome está anteposto ao verbo, composto, reforçado, pleonástico, complemento relativo e objeto direto preposicionado. Como exemplificado a seguir:

- (1) *A ele* cumpria encher as guias. (Bechara, 2009)
- (2) Remeti livros *a ele* e ao tio. (Bechara, 2009)
- (3) O dinheiro foi entregue *a ele* mesmo. (Bechara, 2009)
- (4) Devolvi-lhe *a ele* as máquinas. (Bechara, 2009)
- (5) Atirou-se *a ele*. Gosto dela. (Bechara, 2009)
- (6) Nem ele entende *a nós* nem nós *a ele*. (Bechara, 2009)

Nesses exemplos o pronome tônico é empregado pelo pronome átono, porém o autor deixa claro que o pronome tônico está acompanhado pela preposição.

Bechara (2009) também mostra o uso dos pronomes pessoais quando há ênfase na oração, afirmando que costuma-se repetir o pronome átono pela sua forma tônica, e mais uma vez deixa claro que a forma tônica deve estar precedida de preposição.

Cunha e Cintra (2007) afirmam que os pronomes oblíquos tônicos estão sempre antecidos de preposição e que desempenham funções gramaticais diferentes dependendo da preposição que os acompanham. Com isso, eles podem desempenhar a função de complemento nominal, objeto indireto, objeto direto preposicionado, agente da passiva e adjunto adverbial.

Cunha e Cintra (2007) mostram que as formas *o, a, os, as* são próprias do objeto direto, *lhe, lhes* são próprias do objeto indireto e *me, te, nos* e *vos* podem empregar-se como objeto direto ou indireto.

Em frases como “mandei-o sair” (Cunha e Cintra, 2007) é possível verificar que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um verbo que está no infinitivo.

Na gramática de Cunha e Cintra (2007) é mencionado o fato dos pronomes *ele (s)*, *ela (s)* serem usados como objeto direto sem preposição. Porém, esse comentário está na parte de equívocos e incorreções. Para exemplificar, os autores mostram frases do tipo: vi *ele* e encontrei *ele*. Também comentam que este tipo de construção “tem raízes antigas no idioma”, pois existe em escritores portugueses dos séculos XIII e XIV, e afirmam que atualmente deve ser evitada. Também destacam que não se deve confundir essas construções com outras em que os pronomes *ele (s)*, *ela (s)* funcionam como objeto direto e que estão de acordo com a norma padrão, apontando dois casos. Primeiro, o uso dos pronomes *ele (s)*, *ela (s)* precedido da preposição *a* para repetir o objeto direto representado pelos pronomes átonos *o*, *a*, *os*, *as* como em (7) e segundo, o uso dos pronomes *ele (s)*, *ela (s)* quando antecidos das palavras *tudo (a) (s)* e *só* como em (8).

(7) Não sei se elas me compreendem

Nem se eu *as* compreendo *a elas*. (Cunha e Cintra, 2007)

(8) Conheço bem todos *eles*. (Cunha e Cintra, 2007)

Segundo Cunha e Cintra (2007) o pronome oblíquo átono, quando empregado antes do verbo, apresenta-se sempre com as formas *o*, *a*, *os*, *as* como em (9). Entretanto, quando o pronome for enclítico, ou seja, empregado depois do verbo a sua forma depende da terminação do verbo. Com isso, se o verbo termina em vogal ou ditongo oral, usam-se as formas *o*, *a*, *os*, *as* como em (10), se o verbo termina em -r, -s ou -z, eliminam essas consoantes e empregam-se as formas *lo*, *la*, *los*, *las* como em (11) e se o verbo termina em ditongo nasal empregam-se as formas *no*, *na*, *nos*, *nas* como em (12).

(9) a) Não *o* ver para mim é um suplício. (Cunha e Cintra, 2007)

b) Nunca *a* encontramos em casa. (Cunha e Cintra, 2007)

(10) Louvo-*o*. (Cunha e Cintra, 2007)

(11) a) Vê-*lo* para mim é um suplício. (Cunha e Cintra, 2007)

b) Encontramo-*la* em casa. (Cunha e Cintra, 2007)

c) João ainda não fez anos; fá-*los* hoje. (Cunha e Cintra, 2007)

(12) a) Põe-*na*. (Cunha e Cintra, 2007)

b) Tem- *nos*. (Cunha e Cintra, 2007)

Cunha e Cintra (2007) afirmam que as formas antigas do pronome oblíquo átono eram *lo, la, los, las*, que teve sua origem no acusativo do demonstrativo latino *ille, illa, illud*. Quando posposto a formas verbais terminadas em -r, -s ou -z o -l inicial assimilou essas consoantes que desapareceram. Com relação às formas verbais terminadas em nasal, a nasalidade transferiu-se ao -l que passou a -n.

Na parte dedicada ao emprego dos pronomes de tratamento da 2ª pessoa Cunha e Cintra (2007) afirmam que o pronome *tu* é empregado no PE como forma de intimidade e que no PB o seu uso se restringe à região sul do país e a alguns lugares da região norte. Nos outros lugares do Brasil emprega-se *você* como forma de intimidade. Para representar a 1ª pessoa do plural no colóquio normal, os autores afirmam que emprega-se a forma *a gente*. Porém, tal afirmação se restringe ao emprego dessa forma como sujeito, não sendo mencionado o uso dela como objeto direto.

Com relação ao emprego do pronome *vós*, Bechara (2009) afirma que esse pronome caiu em desuso sendo usado somente nas orações e estilo solene e que no seu lugar se usa a forma *vocês* que é empregada no tratamento familiar assim como a forma *você*.

Analisando as gramáticas tradicionais estudadas, supõe-se que os pronomes usados na função de OD encontrados nelas diferem dos pronomes usados no PB falado, já que elas privilegiam a escrita e a norma culta.

3. ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

3.1 Amadeu Amaral (1920) e o *Dialecto Caipira*

O uso do pronome na função de objeto direto no PB é uma questão que vem sendo abordada desde os primeiros escritos sobre as características do português falado no Brasil. Isso é perceptível no clássico Amadeu Amaral que no ano de 1920 aborda a questão. Com isso, percebe-se que já no começo do século XX há ocorrências com relação ao uso do pronome objeto no PB que são registradas atualmente. Esse autor foi

um dos primeiros a fazer observações sobre o uso desses pronomes no português falado no Brasil, através do seu estudo do vernáculo de São Paulo.

Em seu livro *O Dialecto Caipira*, na parte dedicada à morfologia, o autor afirma que os pronomes átonos *nos* e *vos* “têm emprego muito restrito”, preferindo as formas analíticas *pra nós*, *pra você*. Com relação ao clítico *vos*, quando usado não se refere ao pronome *vós*, já que este não existe mais no vernáculo, e sim a *você*. O autor esclarece essa última afirmação exemplificando: *você* já deve de sabê, porque eu *vos* disse muntas vêis.

Na parte dedicada à sintaxe Amaral (1920) esclarece que os pronomes *ele* e *ela* podem ser objeto direto, ressaltando que esse uso é um dos mais generalizados pelas diversas regiões do país. Segundo o autor, os clíticos acusativos de terceira pessoa estão desaparecendo na língua falada, “aparecendo quase unicamente encravado em frases ossificadas: Que *o* lambeu!”.

No que se refere à primeira pessoa do singular o autor afirma que “em São Paulo o caipira diz: não qué bem eu, sem prep., ou não me qué bem eu. Aliás isto é fato isolado. A regra quando se trata da primeira pessoa é usar dos casos oblíquos: Não me qué, não me obedece, não me visito”.

Foi de extrema importância a contribuição desse autor no que diz respeito ao uso do pronome objeto no PB falado, pois através dele foi possível observar que mudanças que existem no PB atual começaram a ocorrer há muito tempo.

3.2 A pesquisa de Duarte (1986)

No que se refere aos estudos variacionistas, Duarte (1986) investiga a sintaxe do objeto direto, considerando sua realização como clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no PB, definidas como variantes em um processo de variação linguística. Para a autora, o clítico acusativo vem cada vez mais sendo substituído pelo pronome lexical, por sintagmas nominais anafóricos (SNs) e pelo objeto nulo. A autora coletou análises de fala natural de 50 informantes paulistanos e da linguagem da televisão. Para a análise, foram considerados dois fatores sociais: o nível de escolaridade e a faixa etária dos entrevistados.

A autora utilizou, para a sua análise, condicionamentos linguísticos de natureza morfológica, sintática e semântica.

Com relação ao condicionamento morfológico, Duarte (1986) concluiu que, apesar de o pronome lexical ser usado com todas as formas verbais, sua ocorrência é maior com tempos simples, imperativo e locuções com infinitivo e gerúndio.

Para a análise do condicionamento sintático foram consideradas a regência verbal e a estrutura projetada pelo verbo. Com isso, foram obtidas as seguintes estruturas: a frase se constroi com um verbo transitivo direto e com objeto direto apenas, sendo este um sintagma nominal (SN) ou uma sentença como em (1); a frase se constroi com VTD e OD (SN ou sentencial) e um predicativo como em (2); a frase se constroi com VTD e OD (SN) com uma sentença no infinitivo ou no gerúndio como em (3) e, por último, a frase se constroi com verbo transitivo direto e indireto e uma das três formas: OD (SN) e OI (SN) como em (4a), OD (sentencial) e OI (SN) como em (4b), OD (SN) e OI (sentencial) como em (4c).

- (1) a. Ele foi levar um carro em Guarujá pra filha dele que estava noiva e, na volta, um carro mata *ele*, sabe? (Duarte, 1986)
b. Em vez de vir curar brasileiro, vem matar brasileiro. Ele não pode fazer o que não sabe e ele quer fazer [e]. (Duarte, 1986)
- (2) Eu não tenho nada pra reclamar dela não. Eu acho *ela* sensacional. (Duarte, 1986)
- (3) a. Ontem ele foi ao cardiologista. Eu já deixei *ele* ir ao cardiologista sozinho há muito tempo. (Duarte, 1986)
b. Quando nós estávamos assim saindo da loja nós vimos *eles* quase parando o carro. (Duarte, 1986)
- (4) a. Conta essa história do seu avô de novo. Você já contou [e] pra ele? (Duarte, 1986)
b. Eu fui ganhar a chave de casa com dezenove anos. Eu conto [e] pra todo mundo. (Duarte, 1986)
c. Uma parou agora porque o marido dela está bem demais. Então o marido proibiu *ela* de trabalhar. (Duarte, 1986)

A análise dos dados obtidos com o condicionamento sintático através de uma tabela permitiu a Duarte (1986) obter algumas conclusões: primeiro, em estruturas simples, como em (1), o objeto nulo ocorre mais que o clítico e o pronome lexical, segundo, em construções que apresentam uma estrutura sintática mais complexa, como (2), aumenta a ocorrência da realização fonológica do objeto, principalmente com o pronome lexical quando este é um SN. Por último, em construções como (3) e (4c) há a realização fonológica do objeto com preferência pelo pronome lexical, pois este é ao mesmo tempo objeto direto do primeiro verbo (deixei, vimos e proibiu) e agente do segundo verbo (ir, parando, de trabalhar).

Com relação ao condicionamento semântico, Duarte (1986) concluiu que o uso do clítico e do pronome lexical é condicionado pelo traço [+ animado] do objeto e a preferência pelo objeto nulo e pelos SNs anafóricos é condicionado pelo traço [- animado] do antecedente.

A autora afirma, em sua análise, que na fala dos jovens há a ausência dos clíticos e que o seu uso aumenta com o nível de escolaridade, ficando comprovado que este fator é decisivo no uso dessa variante. Com relação ao uso do pronome lexical, este é mais frequente na fala dos jovens e diminui com o aumento da escolaridade e da faixa etária. Porém, segundo a autora, “o comportamento dos informantes acima de 46 anos, com o 1º grau, é praticamente idêntico ao dos jovens, não havendo ocorrências de clíticos e apresentando os mais altos índices de uso do pronome léxical”.

Duarte (1986) mostra, através de uma tabela, que na fala dos informantes com nível de escolaridade mais elevado o uso do pronome lexical está condicionado à maior complexidade da estrutura da frase. Ela afirma que enquanto que os informantes com nível de escolaridade e faixa etária mais baixos preferem o pronome lexical, os informantes com nível de escolaridade e faixa etária mais altos optam pelo seu apagamento ou pelo uso dos sintagmas nominais lexicais.

Analizando o texto das novelas e a fala das entrevistas na TV, Duarte observa que há a preferência pelo objeto nulo e, no caso das falas das entrevistas na TV, também há a preferência por SNs lexicais anafóricos. Conforme a autora, os percentuais mais altos de clíticos estão no uso de estruturas simples por falantes que possuem um nível de escolaridade elevado e os de pronomes lexicais estão no uso de estruturas complexas cujo objeto apresenta o traço [+ animado]. Com isso, é possível constatar que a escola é um meio que permite ao indivíduo a habilidade de usar o clítico.

Através do teste de percepção da variável em que é feita a leitura de sentenças ou fragmentos de diálogos contendo as variantes estudadas aos informantes e pede-se sua opinião, a autora constata que frases como “Não sei por onde anda a Maria. Não *a* tenho visto ultimamente...Coitada da menina! Deixe-*a* em paz! O senhor não pode acreditar neles. Eu *os* vi abrindo a porta do meu carro” são consideradas pedantes e estigmatizadas e que, para os informantes, é mais natural e coloquial dizer “Coitada da menina! Deixa *ela* em paz! O senhor não pode acreditar neles. Eu vi *eles* abrindo a porta do meu carro”. Porém em frases como “Eu vi *ele* ontem no cinema”, é “menor a aceitação do pronome lexical, exceto para os jovens”. Como observado, o falante prefere o pronome lexical em estruturas mais complexas, “*considerando-as menos sofisticadas do que aquelas em que ocorre o clítico*”.

Por último, a autora afirma que

“a noção de variante estigmatizada muda conforme o contexto. Usar o clítico em situações informais é uma atitude tão estigmatizada quanto usar o pronome lexical em situações formais. Isso, entretanto, limita-se, na prática, a frases simples. A redução do estigma sobre o uso do pronome pleno nas configurações complexas e a dificuldade em usar corretamente o clítico nessas estruturas por parte daqueles que dizem saber usá-lo quando necessário garantem a manutenção do pronome lexical no sistema e sugerem sua provável vitória na luta travada entre as duas variantes.”

3.3 A hipótese de Nunes (1993)

Tanto nos estudos da Teoria Variacionista quanto nos da Teoria Gerativa tem-se abordado que os pronomes acusativos de terceira pessoa estão desaparecendo no PB. Isso se deve ao fato de que no PB aparecem construções nas quais há o uso de pronomes tônicos no lugar dos clíticos, construções consideradas agramaticais no português europeu, e construções de categoria vazia, ou seja, objeto nulo. De acordo com Nunes (1993) os estudos variacionistas mostram que os clíticos acusativos de terceira pessoa não fazem parte do vernáculo do português brasileiro e que essas formas estão associadas à língua escrita e ao estilo formal, revelando grau de instrução elevado, ou seja, estão relacionadas à aprendizagem escolar.

Segundo Nunes (1993), a origem dos clíticos acusativos de terceira pessoa dá-se a partir dos pronomes demonstrativos do latim *illum/ illam/illud*. No português, ao

contrário das outras línguas românicas, os clíticos acusativos de terceira pessoa parecem ter perdido o *onset* de sua sílaba, ou seja, perderam o /l/ dos demonstrativos latinos, dando origem as formas *o(os) a(as)*. Entretanto, o uso de *lo(s), la(s), no(s), na(s)* depois de algumas formas verbais indica que a sílaba dos clíticos tenha um *onset* subjacente, subespecificado. O autor defende a hipótese de que esses clíticos não perderam o *onset* de suas sílabas, mas que este será considerado como subjacente necessitando ser licenciado por processos diferentes do licenciamento pelo nóculo da sílaba.

O autor afirma que os clíticos no PE moderno são fonologicamente enclíticos, ou seja, “ao resultado do processo sintático de colocação dos clíticos aplica-se um processo de cliticização fonológica da direita para a esquerda”, conforme exemplificado a seguir:

- (1) Quem-me vê? (Nunes, 1993)
- (2) Não-te vi. (Nunes, 1993)
- (3) Vamo-nos encontrar. (Nunes, 1993)

Segundo o autor, a cliticização fonológica da direita para a esquerda impede que sentenças sejam iniciadas por um clítico em PE: * Me diga uma coisa. Esse processo de cliticização do PE, no caso dos clíticos acusativos de terceira pessoa, faz com que a sílaba do clítico tenha seu *onset* licenciado de várias formas, entre elas, estão: a assimilação das terminações em /s/ e /r/ aos traços presentes no *onset* da sílaba do clítico como em (4) e a multiassociação do traço [+ nasal] quando o clítico fica depois de uma forma verbal terminada em ditongo nasal como em (5).

- (4) Ver + o = vê-lo (Nunes, 1993)
- (5) Compraram + o = compraram-no (Nunes, 1993)

Essas formas se aplicam somente quando o clítico está incorporado sintaticamente às formas verbais que terminam com /r/, /s/ ou ditongo nasal. Nas outras situações, os clíticos devem ter o *onset* de suas sílabas licenciado através de outros processos, entre eles estão os preservadores. Os processos que preservam a estrutura da sílaba do clítico são: “a possibilidade de multiassociação de elementos vocálicos com o traço [+ alto] (vogais e semivogais), configurando uma situação de ambissilabidade” como em (6) *comi-o* ([komiyu]) e em (7) *nem a sucuri-a fez fugir* ([sukuriya]) e o chamado maximal onset principle que segundo Nunes (1993)

“esse princípio requer que, não havendo restrição fonotática, fonemas consonantais intervocálicos sejam associados ao onset da sílaba seguinte e não à coda da sílaba precedente. Como em português as únicas consoantes que podem aparecer na posição de coda são /r/, /s/ e /l/, maximal onset principle tem o efeito de reassociar essas consoantes ao onset da sílaba do clítico, desassociando traços incompatíveis, como exemplificado (11) Que amor-o fez sofrer? ([a.mo.ru]) (12) Que mal-o atingiu? ([ma.lu]) (13) Todos o fizeram sofrer. ([to.do.zu]).”

O autor mostra que o licenciamento do onset da sílaba do clítico acusativo de terceira pessoa é feita no PE moderno através da cliticização fonológica que ocorre da direita para a esquerda.

Nunes (1993) também investiga a direção de cliticização fonológica no português antigo e afirma que, assim como ocorre com o PE moderno, a direção de cliticização fonológica no português antigo é da direita para a esquerda e que a maior evidência disso é que todas as regras que licenciam o *onset* da sílaba do clítico no PE moderno podem ser aplicadas ao português antigo.

De acordo com Nunes (1993), a direção de cliticização fonológica do PB é da esquerda para a direita, diferentemente do português europeu em que a direção de cliticização é da direita para a esquerda. Isso pode ser comprovado através de alguns fatores. Um dos fatores diz respeito ao mapeamento diacrônico da variação *verbo + clítico* e *clítico + verbo* em início de sentença. Como no PE a direção de cliticização é da direita para a esquerda não é permitido construções com clítico no início de frases. Com isso, frases com clíticos em posição inicial no PB constitui um indicio da mudança na direção de cliticização fonológica.

Nunes (1993), baseando-se nos estudos de Cyrino (1990), afirma que a mudança na direção de cliticização fonológica no PB ocorreu por volta da virada para o século XIX. O autor mostra que as crianças do início do século XIX adquiriram um sistema com cliticização fonológica da esquerda para a direita e, com isso, elas adquiriram uma gramática sem clíticos acusativos de terceira pessoa. De acordo com a hipótese de Nunes (1993), as crianças substituíram o uso dos clíticos acusativos de terceira pessoa por construções com objeto nulo e com pronome tônico na posição de objeto direto, conforme exemplificado a seguir:

(6) Eu entreguei *ele* pro João. (Nunes, 1993)

(7) Eu entreguei Ø pro João. (Nunes, 1993)

O primeiro exemplo é agramatical no português europeu moderno e considerado estigmatizado no português brasileiro. O segundo exemplo é gramatical no português europeu, porém com estrutura diferente. Nunes (1993) afirma que tanto o surgimento do objeto nulo quanto o início do uso do pronome tônico na posição de objeto direto, que ocorreram a partir da segunda metade do século XIX, são simultâneos à mudança na direção de cliticização fonológica.

Nunes (1993) cita Corrêa (1991) informando que a manutenção dos clíticos de terceira pessoa no português brasileiro deve-se a escola. O autor mostra duas tabelas que evidenciam a importância do nível de escolaridade das pessoas “no uso de objetos diretos que se referem a algo já mencionado no discurso (“objetos diretos anafóricos)””. A primeira tabela mostra algumas conclusões importantes: os clíticos acusativos de terceira pessoa constituem a variante menos usada para representar objetos diretos, esses clíticos ocorrem na fala de crianças somente a partir da 5ª série e não ocorrem na fala de adultos analfabetos, os clíticos aparecem mais expressivamente na fala de estudantes universitários, porém com uma taxa baixa. A segunda tabela mostra que a média geral do uso de clíticos de terceira pessoa na escrita é mais alta que na fala, ficando claro que o uso dos pronomes tônicos na posição de objeto direto é preferido na fala enquanto que o uso dos clíticos é preferido na escrita. Nunes (1993) afirma, com base nessas tabelas, que “as crianças não precisam ser formalmente ensinadas para internalizar pronomes tônicos na posição de objeto, enquanto a aquisição dos clíticos acusativos de terceira pessoa só se dá via instrução formal (os adultos analfabetos não usam clíticos)”, ou seja, através do aprendizado na escola.

Outro aspecto relevante encontrado em Nunes (1993) é a questão dos clíticos de primeira e segunda pessoas poderem, no português brasileiro, ocuparem a posição inicial de uma sentença ao contrário do que ocorre com os clíticos acusativos de terceira pessoa. Exemplos:

(8) Te chamo amanhã. (Nunes, 1993)

(9) *O chamo amanhã. (Nunes, 1993)

(10) Eu o chamo amanhã. (Nunes, 1993)

De acordo com Nunes (1993), esses exemplos mostram que no português brasileiro “os clíticos acusativos de terceira pessoa precisam de material fonológico que os precedam”.

4. METODOLOGIA: IDENTIFICAÇÃO DOS FALANTES

Os dados encontrados neste trabalho foram retirados de um *corpus* presente em uma tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da FCL/UNESP – Câmpus de Araraquara, para a obtenção do título de doutora em linguística e língua portuguesa, escrita por Maria Helena de Paula. O *corpus* trata de onze narrativas orais de falantes que viveram grande parte de suas vidas na zona rural no município de Catalão – GO. Essas narrações orais foram narradas por pessoas com baixa ou nenhuma alfabetização e com idade superior a sessenta anos, exceto uma narradora com 53 anos.

Essas narrativas foram gravadas, em 2003, em fitas-cassete, através de um gravador portátil nas residências dos falantes. São, ao todo, onze narrativas gravadas de dez falantes, sete homens e três mulheres, já que um falante gravou duas vezes porque pediu para gravar mais sua fala, pois havia lembrado muitos fatos importantes que queria contar. As narrações apresentam, em média, duas horas de gravação, pois há pessoas que falaram durante noventa minutos e outras que falaram mais de cento e oitenta minutos.

Todos os narradores foram roceiros, plantando e cultivando as terras manualmente, já trabalharam em engenhos de açúcar, rapadura e aguardente e cuidaram de rebanhos bovinos. Todas as narradoras mulheres, exceto uma, trabalharam junto com pais, irmãos e maridos na roça, no curral e no engenho, muitas foram parteiras e aprenderam a fiar e tecer as roupas da família. Alguns desses narradores afirmam que tiveram pouco contato com a escola destacando dois motivos para isso: não se adaptaram ou não puderam deixar de trabalhar para ir à escola. Com isso, alguns apenas sabem escrever o nome.

Maria Helena de Paula defende a hipótese de que o fato dos falantes serem pessoas idosas com baixa ou nenhuma alfabetização evidencia uma tendência ao conservadorismo linguístico. Com isso, “acredita-se que as narrativas tragam à tona formas linguísticas consideradas já em desuso”. Porém, neste trabalho tal hipótese é desconsiderada, já que o uso dos pronomes pessoais na substituição do objeto direto por esses falantes mostram evidências de que esse uso ocorre há algum tempo no vernáculo do PB e que, de acordo com Duarte (1986), continua existindo na atualidade por

falantes jovens. No entanto, do ponto de vista das variantes, os dados sugerem uma incidência grande de pronomes lexicais, em detrimento da forma nula. Além disso, cabe ressaltar a manifestação de formas reduzidas dos pronomes de 3ª pessoa.

Maria Helena de Paula identifica os falantes de forma fictícia a fim de “evitar constrangimentos de qualquer natureza em um possível reconhecimento de seus nomes reais”. Com isso, N se refere ao narrador, M ou F ao sexo e o número cardinal à idade do falante quando a gravação foi realizada. “A identificação obedece à ordem de apresentação das narrativas, que será marcada com numeral cardinal”. Portanto, a indicação 2NF91 identifica a segunda das narradoras cujas narrativas são apresentadas, narradora do sexo feminino que tinha 91 anos na data da gravação.

A identificação dos narradores é feita nos anexos, de acordo com a tese de Maria Helena de Paula.

5. ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS NAS NARRATIVAS ORAIS

Essa seção busca analisar os dados obtidos nas narrativas orais do município de Catalão – GO com relação à pronominalização do objeto direto. Essa análise tem o objeto de mostrar sintaticamente como ocorre a pronominalização do OD no português falado nessa região de Goiás, de mostrar quais são os pronomes preferidos nessa região para representar o OD e quais contextos sintáticos favorecem o uso de tais pronomes.

5.1 Representação da 1ª pessoa do singular

A pronominalização do objeto direto para a primeira pessoa do singular, nos dados coletados das narrativas orais do município de Catalão – GO, é feita através do clítico de primeira pessoa *me*, do pronome pessoal do caso reto *eu* e do pronome tônico *mim*.

A tabela a seguir mostra o número de ocorrências dos três pronomes na posição de OD na fala de cada narrador do *corpus*.

	Clítico <i>me</i>	Tônico <i>mim</i>	Pronome <i>eu</i>
1NM82i e 1NM82ii	2	10	1
2NF91	—	7	12
3NF(70?)	—	21	2
4NM(80?)	—	—	—
5NM(66)	5	—	—
6NM(62)	1	31	10
7NM(83)	—	18	6
8NM(80?)	—	—	—
9NF(53)	—	—	—
10NM(85?)	—	5	—
Total	8	92	31

Como observado na tabela, pode-se afirmar que, na fala desses narradores, há maior ocorrência do tônico (92) com relação às outras formas de pronominalização do OD.

Conforme a tabela acima, o uso do clítico de primeira pessoa na função de OD está restrito a primeira (1NM82i, 1NM82ii), a sexta (5NM(66)) e a sétima (6NM(62)) gravações, sendo que, na primeira e na sétima gravações, essa forma concorre com o tônico de primeira pessoa, havendo mais ocorrências desse do que daquele. Na sexta gravação há somente a ocorrência do clítico de primeira pessoa. Com isso, a co-existência do clítico de primeira pessoa com o pronome tônico indica um padrão variável, em relação à gramática do português europeu.

De acordo com Nascentes (1953), o clítico *me* na função de objeto indireto foi influenciado pelo tônico *mim* e, com isso, às vezes se usa *mim* em lugar de *me*. No *corpus* analisado, essa afirmação se estende para a posição de OD, pois a forma *mim* passou a ser empregada no lugar do clítico.

(1) Moça assim inté que *mim* namorava... p.216

Conforme Amaral (1920), o uso do pronome forte *eu* na posição de OD é restrito, quando se trata da primeira pessoa geralmente usa-se o clítico. Entretanto, no *corpus* analisado, há uma maior ocorrência do tônico na posição de OD.

Adotando a proposta de análise de Duarte (1986), para dados do português vernacular do Rio de Janeiro, passamos a analisar a distribuição dos clíticos de acordo com a estrutura sintática da oração em que ocorrem. Têm-se as seguintes configurações:

a) O verbo é transitivo direto e a frase se constroi apenas com objeto direto.

(2) De gente, de família rica, *me* namorava. P.216

(3) Não a a neta inté num *mim* maltrata não... p.234

(4) el[e] num aceitava ninguém, só respeitava *ieu*. P.442

b) O verbo é transitivo direto e a frase se constroi com objeto direto e um predicativo.

(5) Ela *me* considerava bem e eu considerava ela também, né? P.217

(6) mostra [as]sim a má cara, né, pra mim e...todo mundo *mim mim* trata mui bem 'quí, 'té as criança mim trata bem, o... P.235

(7) Não, por ixemp[l]o é o é o assunt' é esse s'ocê num achasse *eu* assim insuficiente de ocê cunversá cumigo, 'cê num cunversava, né? P. 261

c) O verbo é transitivo direto e a frase se constroi com OD e um sintagma preposicional

(8) Intão, e[le] nunca *mim* pôir na iscola... p.313

(9) O (...) chamava *eu* de fia. P.267

d) O verbo é transitivo direto e a frase se constroi com OD e uma sentença no infinitivo.

(10) “Ah! Vam', 'judá *eu* ará um chão lá.” P.392

e) O verbo é transitivo direto e há o redobro do OD através do pronome forte.

(11) “Ô (...) eu vô te dá um saco de arroi[z] ma[s] eu quer' c'ocê num *mim* amola *eu* mair nunca”. P.389

(12) “Não, Deus *mim* perdoe *ieu*, o santo *mim mim* perdoa *ieu*, eu vô trabaiaí, p.417

Em (a), têm-se estruturas com verbo transitivo direto e objeto direto representado pela primeira pessoa do singular. Nesse caso, foi registrado o uso das três formas de representação do OD de primeira pessoa, entretanto a maior ocorrência é a da forma tônica *mim*.

Em (b), têm-se construções com predicativo. Apesar de, nessas construções, haver o clítico, oônico e o pronome forte, estruturas como essas favorecem o uso do pronome forte.

Em (c), têm-se estruturas formadas por um OD de primeira pessoa e um sintagma preposicional e em (d), tem-se uma estrutura com OD e uma sentença no infinitivo em que o verbo da subordinada *ará* projeta uma estrutura de agente que também é o OD do verbo principal. Essas construções favorecem a realização fonológica do objeto direto e o uso do pronome forte *eu*.

Em (e), têm-se estruturas formadas por um VTD, em que há o redobro do OD através do pronome forte. Estruturas como essas são comuns quando o falante pretende enfatizar o objeto direto de primeira pessoa. Para isso, é usado o pronome forte. No entanto, distinguem-se crucialmente da situação de redobro do clítico, como em *Deus perdoe-me a mim*.

Em suma, pode-se afirmar que a pronominalização do OD de primeira pessoa dá-se em um maior número de ocorrências com oônico *mim*. A maior parte das ocorrências com esse pronome são realizadas por sentenças como em (a). Quando se trata de sentenças como (b), (c), (d) prefere-se o uso do pronome forte *eu*.

5.2. Representação da 1ª pessoa do plural

De acordo com o livro *O Dialecto Caipira* de Amaral (1920), o pronome átono *nos* tem um uso muito restrito, preferindo-se para representar o objeto direto a forma analítica *pra nós*. Apesar de a gramática tradicional afirmar que o pronome átono *nos* é a forma adequada na posição de OD, levando-se em consideração o estudo de Amaral (1920), antes da coleta de dados para verificar a representação do OD referente à primeira pessoa do plural, foi feita a hipótese de que não haveria o uso desse pronome. De fato, no *corpus* analisado, não houve ocorrência com o uso do clítico *nos*. Para representar o

OD referente à primeira pessoa do plural, usa-se o pronome *nóis*. Esse pronome concorre com a forma *a gente*.

Diferentemente da análise feita por Amaral (1920), no *corpus* em questão, o pronome *nóis*, usado como OD, não vem acompanhado de preposição.

- (1) quan' tinha um baile na na roça aí ó, logo gente ficav' saben', as as moça (*risos*) já mandava avisá *nóis*... p.318

Com relação à estrutura sintática, foram encontradas as seguintes construções.

- a) O verbo é transitivo direto e a frase se constroi apenas com objeto direto.

- (2) Aí nór num come, num trabaiá, intão Deus guarda *nóis*, né? P.301

- b) O verbo é transitivo direto e a frase se constroi com um objeto direto acompanhado de um sintagma preposicional.

- (3) Ele usava... *nóis* usava uma tabuada, eu num sei cum' é que falava, ele punha *nóis* em pé, numa parede. P.372

- c) O verbo é transitivo direto e a frase se constroi com OD e uma sentença no infinitivo.

- (4) Minh' mãe dexava *nóis* i[r] pa lá, p. 267

- (5) El[a] num gostava que *nóis* ficava perto, mandava *nóis* i[r] passia, bincá pra lá. P. 267

Além do uso do pronome *nóis* na posição de OD, há o uso da forma *a gente*. Porém, esse uso é restrito. Foi encontrado em apenas duas ocorrências.

- (6) Uai puke, puke diz' que se a gen' trabaiasse era ca... diz que castigava *a gente*, né? p.300

- (7) e[la] vê *a gente* [as]sim ela chap[a] no chão, e[la] fica braba dimai', né? p.236

Tanto em (6) quanto em (7) há estruturas com VTD e apenas OD. Assim como em (2) em que há o uso do pronome *nóis*.

As gramáticas tradicionais mostram que o pronome adequado para a posição de OD é o átono. Porém, no PB falado esse pronome não é usado, preferindo-se o pronome forte *nóis*.

5.3 Representação da 2ª pessoa

A pronominalização do objeto direto para a segunda pessoa do singular nos dados coletados é feita através do clítico *te* e do pronome reduzido *ocê*. Pode-se considerar a forma *ocê* um pronome forte frente ao clítico pronominal *te*.

- (1) Solta qu'es[se] boi *te* mata, sorta qu'es[se] boi *te* mata... p.438
- (2) E[le]s leva *ocê* lá no médi[co] p.216

Com relação à estrutura sintática, foram encontradas as seguintes construções.

- a) O verbo é transitivo direto e a frase se constroi apenas com objeto direto.

- (3) “Oh (..) minha, o seu (...) man[da] n'ocê... mandô buscá *ocê*”. P.268
 - (4) “Oê num entra aqui dent[ro] não qu'eu *te* mato.” P.425

- b) O verbo é transitivo direto e a frase se constroi com objeto direto e um sintagma preposicional (SP).

- (5) E[le]s tá, e[le]s pegô *ocê* de supresa, né? P.480

- c) O verbo é transitivo direto e a frase se constroi com OD e uma sentença no infinitivo.

- (6) Igual cê tá sentada aqui chega um bando de gen' pa *te* ajuda *ocê* arrumá a casa ô fazê, a gen' chama treição. P.480

A tabela a seguir mostra a quantidade de dados obtidos com cada estrutura sintática analisada anteriormente.

	Clítico	Pronome forte
VTD + OD	17	1
VTD + OD (SP)	-	4
VTD + OD inf.	1	1

De acordo com a tabela, pode-se afirmar que, em (b), o sintagma preposicional favorece o uso do pronome forte, pois a maior ocorrência desse está em (b) e não há ocorrência do clítico nessa estrutura.

Em (c) tem-se uma oração reduzida de infinitivo, em que o verbo *arrumá* projeta uma estrutura com agente (*ocê*), sendo esse o objeto direto do verbo *ajuda*. Essa construção favorece o uso da forma reduzida *ocê*, pois essa forma será o sujeito da forma verbal *arrumá*. Além disso, há o redobro do clítico *te* pela forma reduzida *ocê*. Com isso, pode-se afirmar que essa estrutura também favorece o redobro do clítico, pois o verbo *arrumá* necessita de um agente, que tem sua realização em pronomes fortes.

Conforme a tabela, foram encontradas 6 (seis) ocorrências com a forma reduzida, das quais 5 (cinco) são estruturas em que o objeto direto é acompanhado por um sintagma preposicional ou por um verbo no infinitivo. Com isso, é possível afirmar que estruturas como (b) e (c) favorecem o uso da forma *ocê*.

Das 18 ocorrências de uso do clítico, 17 apresentam a estrutura VTD + OD. A hipótese que pode ser feita com base nos dados analisados é que estruturas, nas quais há um VTD e apenas o OD favorece o uso do clítico enquanto que estruturas, nas quais há um VTD e um OD acompanhado de um sintagma preposicional ou de um verbo no infinitivo favorece o uso da forma reduzida.

Com relação à pronominalização do OD para a segunda pessoa do plural, não houve ocorrência. É possível afirmar que não houve ocorrência dessa estrutura, devido não haver a necessidade de usar um objeto direto que represente a segunda pessoa do plural nas narrativas orais. Entretanto, fazendo um paralelo com os dados encontrados para a 1ª pessoa do plural no *corpus*, em que o pronome forte *nóis* é a forma preferida por esses falantes e com a teoria linguística estuda, é possível afirmar que se houvesse ocorrência da 2ª pessoa do plural, provavelmente essa não seria com o uso do clítico *vos* e sim com o pronome forte *vocês*. Para a gramática tradicional, a representação do OD para a segunda pessoa do plural é feita pelo clítico *vos*. Essa gramática não considera as características do português falado no Brasil em que o uso desse pronome está desaparecendo.

5.4. Representação da 3ª pessoa

Duarte (1986), em sua pesquisa no dialeto de São Paulo, afirma que o uso do pronome lexical pelos informantes acima de 46 anos e com o 1º grau apresenta índice altíssimo e que não há ocorrência de clíticos. Além disso, segundo a autora, o aumento da escolaridade diminui a frequência desse uso. Levando em consideração que os narradores do *corpus* analisado têm mais de 52 anos e que são analfabetos ou semianalfabetos, a primeira hipótese, feita antes da coleta dos dados, foi a não ocorrência de clíticos e um índice alto no uso do pronome lexical na fala desses narradores.

Como era esperado, no *corpus* não há ocorrências com o uso dos clíticos acusativos de terceira pessoa na função de objeto direto, exceto em quatro casos específicos com o uso do clítico *o*, a ser ilustrado a seguir. Com relação à forma plural *os* e a feminina singular e plural *a*, *as* não existe nenhuma ocorrência. Tendo como base o *corpus* analisado é possível afirmar que no português falado no Brasil a ocorrência dos clíticos acusativos de terceira pessoa é praticamente inexistente e que os falantes preferem o pronome lexical e suas formas reduzidas e o objeto nulo na função de OD.

De todas as narrativas orais analisadas foram encontradas apenas quatro ocorrências do uso do clítico acusativo de terceira pessoa *o* na posição de OD e todas com a expressão *Deus o livre*.

- (1) É difíci' é [as]sim s'ocê num pudé pissuí um um carro, ãa moto p'ocê saí, Deus *o* liv[r]e e 'duece ali à veiz de ... à noite, à veiz longe assim de oto assim que tem condução é mõi difiçu, né? P.251
- (2) É, põe a faca na boca [as]sim mode a língua del[e] vortá, el[e] inolô a língua, que se Deus *o* liv[r]e assim ãa pessoa assustá, inguli a língua cê leva ãa tisora ô a faca p'el[a] vortá a língua. P.299
- (3) Tem o tali jaracuçu, se Deus *o* liv' ofendê a gente, tem corrê logo pa cidade, [se]não morre memo. P.491
- (4) Deus *o* liv' el[a] ofendeu tem que corrê logo, pu pu méd[ico], pa cidade, né? Que o venen' del[a] é terrive'. P.491

A hipótese para essas ocorrências se centra em Amaral (1920) que informa que os clíticos acusativos de terceira pessoa têm um uso restrito na língua falada “aparecendo quase unicamente encravado em frases ossificadas”, ou seja, a ocorrência desses clíticos está relacionada a frases consideradas prontas e cristalizadas. Como observado, é o que ocorre nos dados acima, nos quais os narradores usam o clítico acusativo *o* na expressão *Deus o livre*, é provável que esse clítico esteja sendo usado devido a frase tratar-se de uma expressão idiomática que passou de geração para geração.

De acordo com Nunes (1993), a manutenção dos clíticos de terceira pessoa no português brasileiro deve-se a ação da escola. Tal hipótese pode ser comprovada com os dados coletados dessas narrativas orais, nos quais não apresentam o uso desses clíticos. Seus narradores são analfabetos, havendo apenas dois que possuem uma escolarização mínima. Por tanto, antes da coleta dos dados foi possível afirmar que esses narradores não usariam esses clíticos.

A pronominalização do objeto direto de terceira pessoa ocorre, nos dados analisados, através dos pronomes do caso reto de terceira pessoa *ele*, *ela* e *eles*, ou seja, do pronome lexical, e suas formas reduzidas *el*, *e*, *es*. A forma reduzida *el* representa os pronomes *ele* e *ela* como em (5), a forma *e* representa o pronome *ela* como em (6) e a forma *es* representa os pronomes *eles*, *elas* como em (7).

(5) a) E eu namorei co'el[e] assim, e[u] vi *el[e]* duas veiz o dia... p.314

b) Qu'eu oiei, ela já ia sumin' no mei' do capim, deu pa mim pa mim matá *el[a]*, né... p.239

(6) Dá fôia, frita *e[la]* no ói de soja e põe no ovido, sara memo. P.307

(7) a) Não, ela ganhava *e[le]s* tudo lá na roça, né? p.218 (os filhos)

b) Ia com os pai ia. Os pai' ia levav' *e[la]s*. p. 318 (as filhas)

Conforme Vitral e Ramos (2005), os pronomes de terceira pessoa podem apresentar redução fonética na linguagem oral que são ausentes na gramática normativa. Essas formas reduzidas são *el*, *éa*, *es*, *éas* que se referem respectivamente a *ele*, *ela*, *eles* e *elas*. Segundo os autores essas formas fracas são identificadas como fala popular. De fato, essas formas foram encontradas no *corpus* em análise, ou seja, na fala popular, entretanto, não há registro de *éa*, *éas* somente de *e*, *es* para a representação do feminino.

Para representar o plural tem-se a preferência pela forma reduzida *es*. O pronome reto *eles* aparece apenas em uma ocorrência (8) e *elas* não aparece em nenhuma ocorrência.

(8) O carrero tem cum[o] brigação de iducá *eles*. (os bois) P. 343

A forma *es* é usada na função de OD quando seu referente está no masculino ou no feminino plural como observado em (7a), onde *es* se refere aos filhos e em (7b), onde *es* se refere às filhas. Além disso, a forma reduzida *es* também é usada para representar um OD quando seu referente está no singular (9). Esse fato foi analisado por Vitral e Ramos (2005) quando se trata da forma reduzida em posição de sujeito em que o antecedente, quer seja masculino ou feminino, é retomado pela forma *es*, como exemplificado “tem a turma que você fica rezando pra *ês* te chamá pra dança”.

(9) Ah, que se prantá *e[le]s* muito largo nessas terra fraca ele num dá nada, né?
P. 225 (o arroz)

Tabela com a quantidade de pronome lexical x forma reduzida.

Forma não reduzida do pronome lexical	Forma reduzida do pronome lexical	Total de pronomes representando o OD de 3ª pessoa
213	268	481

Como mostrado na tabela, foi coletado um total de 481 pronomes na função de OD de terceira pessoa, dos quais 268 são formas reduzidas e 213 não reduzidas. Esses dados mostram que a forma reduzida está sobrepondo a não reduzida, ou seja, há uma preferência, ainda que seja mínima, pelo uso da forma reduzida.

Segundo Duarte (1986), o uso do pronome lexical, na fala de informantes com nível de escolaridade e faixa etária mais altos, está condicionado à maior complexidade da estrutura da frase e que o uso dos clíticos ocorre em estruturas simples, SVO, da frase por esses falantes. Tendo como base a pesquisa realizada por essa autora, pode-se afirmar que os narradores do *corpus* em questão por não terem escolaridade ou por tê-la em um nível baixo usam o pronome lexical tanto em estruturas simples quanto complexas como pode ser observado a seguir.

(10) Hoje em dia o povo mai[s] ranca e bate mais é, é na coiedera, né? Ranca *ele* e joga na coiedera e bate. (...) p.228 (o feijão)

(11) Cê escutava *ele* cantan'. P.375

Em (10), tem-se uma oração absoluta representada por um verbo transitivo direto *ranca* e seu objeto direto *ele*, ou seja, uma estrutura SVO e em (11) tem-se uma oração reduzida de gerúndio, uma estrutura sintaticamente mais complexa.

Para a análise da estrutura sintática, assim como na pesquisa de Duarte (1986), foram consideradas, no *corpus* em questão, a regência verbal e a estrutura projetada pelo verbo. Com isso foram encontradas as seguintes estruturas:

a) O verbo é classificado como transitivo direto e a frase se constroi apenas com objeto direto, sendo este um sintagma nominal (SN), como em (1) e (2).

(12) Ah o arroz, gente insaca *ele* e impia dento de casa, né? P.288

(13) E a a mãe passava no[i]te intera oian' *el[a]*. P. 265

b) O verbo é transitivo direto e a frase se constroi com objeto direto SN e um predicativo.

(14) Interrô, um tal de (...), morreu, e[le]s achô *el[e]* podrim. P.298

(15) Ela me considerava bem e eu considerava *ela* também, né? P.217

(16) É, aí casca ela e lav'*ela* bem lavadinha 'quela mandioca [as]sim, ó, lava e põe pa secá, p.311

c) O verbo é transitivo direto e indireto e a frase se constroi com OD (SN) e OI (SN).

(17) “Óia, eu fiquei deven' uma conta, ocê paga *ela* pra mim qu'até hoje eu num consigui descanso ainda po[r] ca[u]s[a] dessa dívida.” P. 375

d) O verbo é transitivo direto e indireto e a frase se constroi com OD (SN) e OI sentencial.

(18) Que o povo mandava ela, arranjava *ela* pa [ca]piná algudão, arranjava *ela* pa pa micê cum mandioca, né? Renje ... arranjava ela de, pô poco siiviço, *el[a]* ia tabaiá. P. 264 (a mãe)

- e) O verbo é transitivo direto e a frase se constroi com OD (SN) e uma sentença no infinitivo ou no gerúndio.

(19) Aí punha fogo nel[e] buscava aquel[e] mundo de lenha, punha den[tro] del[e] e e dexava *el[e]* ficá bem quente... p.293

(20) El[e] que operô meu pai, meu pai já, a 'pinicite tin[ha] furado, tav' [a]quel[a] lambança já, na barriga del[e], operô ele, el[e] ficô doze dia lá no hospital lá, aí mandô *el[e]* vim 'bora... p.411

(21) Cê escutava *ele* cantan'. P.375

Fazendo uma análise dos dados acima, pode-se afirmar que enquanto (a) e (c) possuem uma estrutura simples, SVO, (b), (d), (e) possuem uma estrutura sintática mais complexa. Analisando os dados coletados no *corpus* é possível perceber que estruturas simples, como em (a), têm um grande número de ocorrências, cerca de 410 dados. De acordo com a pesquisa de Duarte (1986), os falantes com idade acima de 46 anos que têm um nível baixo de escolaridade não usam os clíticos e apresentam índices altíssimos de uso do pronome lexical, quer em estruturas simples ou complexas. Levando-se em consideração que os narradores do *corpus* em análise têm idade superior a 52 anos e que são analfabetos ou semianalfabetos, isso explica o grande número de ocorrências do pronome lexical em estruturas simples.

Com relação às estruturas complexas, em (b) tem-se uma estrutura com predicativo, em que, segundo Duarte (1986), o objeto e o predicativo constituem quase uma outra oração. O predicativo do objeto favorece a realização desse objeto e o uso do pronome lexical, pois necessita dela para transmiti-lhe uma característica.

Em (e), as orações são reduzidas de infinitivo e de gerúndio. Em (19), por exemplo, o verbo da subordinada projeta uma estrutura de agente (*el[e]* ficá bem quente), sendo esse agente exatamente o objeto direto do verbo *dexava*. O mesmo ocorre em (20) e (21), em que o sujeito da subordinada é o objeto direto da principal. Esse tipo de construção determina a realização do objeto e a preferência pelo pronome lexical, ou seja, pelo pronome sujeito.

Em (d), tem-se uma estrutura de objeto sentencial preposicionado, em que os objetos (*ela* pa [ca]piná) e (*ela* pa pa micê cum mandioca) são formados por um sintagma preposicional. Esse sintagma preposicional também projeta uma estrutura de agente, no qual é o objeto direto do verbo *arranjava*. Assim como as orações

reduzidas de infinitivo e gerúndio, uma estrutura com objeto sentencial preposicionado também determina a realização do objeto e a preferência pelo pronome lexical.

Em suma, pode-se afirmar que a pronominalização do objeto direto com referente de terceira pessoa se faz preferencialmente com o pronome lexical, seja em estruturas simples ou complexas. O uso do clítico para a representação do objeto direto dá-se apenas em estruturas consideradas cristalizadas. Por último, há uma preferência pelo uso de forma reduzida por esses narradores.

6. CONCLUSÃO

Os objetivos deste trabalho orientaram-se para o desenvolvimento de uma pesquisa voltada para investigar e analisar as ocorrências de pronomes na função de OD, especificamente, clíticos, pronomes fortes e forma reduzida no português falado no município de Catalão – GO, levando-se em consideração estudos realizados por diversos linguistas.

No que se refere à primeira pessoa, foi constatado que o tônico *mim* é a forma preferida por esses falantes na posição de OD. Também foi constatado que estruturas, nas quais o OD de primeira pessoa é acompanhado por um predicativo, um sintagma preposicional ou uma sentença no infinitivo favorece o uso do pronome forte *eu*. Esse pronome tem um uso restrito no português falado em Catalão – GO, o que confirma o estudo realizado por Amaral (1920) na região de São Paulo. Quando se trata do plural, a forma preferida pelos falantes é o pronome forte *nóis*, o clítico *nos* não é usado pelos falantes, sendo que a gramática tradicional considera essa última forma como a adequada para a posição de OD.

Quanto à segunda pessoa, constatou-se que em estruturas simples em que há apenas o OD o uso do clítico é favorecido. Porém, estruturas mais complexas em que o OD é acompanhado por um sintagma preposicional ou por um verbo no infinitivo favorece o uso da forma reduzida *ocê*.

No que diz respeito a terceira pessoa, foi observado que o uso do clítico está desaparecendo no português falado no Brasil. Esse uso já vem desaparecendo há muito tempo, isso pode ser comprovado no clássico Amadeu Amaral que em 1920 já relata esse fato no seu livro *O Dialecto Caipira*. Esse uso é encontrado, no *corpus* em questão,

apenas em expressões idiomáticas, mais especificamente na expressão *Deus o livre*. Com isso, para ocupar a posição de OD, o português falado no Brasil dá preferência para o objeto nulo e para o pronome lexical que é a forma preferida pelos falantes do *corpus* analisado.

Finalmente, comparando as gramáticas tradicionais estudadas, são perceptíveis alguns aspectos que devem ser ressaltados. Primeiro, em todas elas, uma das diferenças entre os pronomes átonos e tônicos é o fato de estes estarem sempre acompanhados de uma preposição, ou seja, para a GT o emprego dos pronomes tônicos sem o uso da preposição é considerado inadequado. Segundo, nas gramáticas, é apresentado o pronome *vos*, sendo que este no PB falado não é usado. Por último, o uso dos pronomes acusativo de terceira pessoa *o, a, os, as* são apresentados pelas gramáticas, sendo que no PB esse uso está cada vez mais infrequente. Com isso, podemos afirmar que a GT ignora uma série de mudanças ocorridas com os pronomes pessoais oblíquos no português falado no Brasil e que foram abordadas neste trabalho.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Amadeu **O dialecto caipira: gramática e vocabulário** São Paulo : O Livro, 1920.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009.

CUNHA, Celso. & CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon informática. 2007.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARRALO, Fernando (org). **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas : Pontes, 1989. p. 19-34.

NASCENTES, Antenor. **O Linguajar Carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões. 1953.

NUNES, Jairo M. “Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro”. In: Roberts, Ian. & Kato, M. A. (orgs). **Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 1996, p. 207-222.

PAULA, Maria Helena. **Rastros de Velhos Falares – Léxico e cultura no vernáculo catalano**. Araraquara (SP), 2007. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - FCL/UNESP- Câmpus de Araraquara

VITRAL, Lorenzo. & RAMOS, Jânia. **Gramaticalização uma abordagem formal**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.

ANEXOS

Pronomes de objeto direto coletados e identificação dos narradores

1NM82i – primeiro narrador, primeira gravação (i) em 30 de maio de 2003, no povoado de Pires Belo, no quintal de sua casa. Narrador do sexo masculino, com oitenta e dois anos, viúvo e pai de treze filhos. Nasceu em Minas Gerais, Paracatu. Quando tinha seis anos de idade, aproximadamente, foi para a zona rural do Distrito de Santo Antônio do Rio Verde, município de Catalão, Goiás.

1NM82ii – narrador acima referido na sua segunda gravação.

Pronomes de 1ª pessoa

- De gente, de família rica, me namorava. P.216
- Ela me considerava bem e eu considerava ela também, né? P.217
- Moça assim inté que mim namorava p.216
- e[la] mim xingô até de burro! P.233
- Não a a neta inté num mim maltrata não, p.234
- mostra [as]sim a má cara, né, pra mim e...todo mundo mim mim trata mui bem 'qui, 'té as criança mim trata bem, o... P.235
- el[e] mudô pra cá e mim levô pa ficá lá na cas[a] tomá conta dos trem lá pra el[e], né? P.238
- aí já mim carregô lá pra dent[ro] p.239
- o que mim defende assim meu corpo, p.240
- a vez já tem conticido as...aigũas coisa aqui assim que à[s] ve[zes] da, 'té pa mim tecê mais eu, p.241
- E sempe toda fazenda qu'eu morava os patrão era bão pra mim viu, caiqué cois' fartasse eu curria lá e[le]s mim sucurria, né? p.252
- Não, por ixemp[l]o é o é o assunt' é esse s'ocê num achasse eu assim insuficiente de ocê cunversá cumigo, 'cê num cunversava, né? P. 261
- Depois minha mãe casô, dexô nós ... na casa. P.215
- e[la] vê a gente [as]sim ela chap[a] no chão, e[la] fica braba dimai', né? p.236

Pronomes de 2ª pessoa

- “Não, eu num vô te contriiá, onde se quisé i[r] eu te acumpanho, né?” P.216
- Não, num vô te contriiá não, eu achava que precisava de i[r], mai[s] num vô te contriiá”. P.217
- “Ah! Ess[e] trem, num isso num vai te curá não”. P.255
- E[le]s leva ocê lá no médi[co] p.216

Pronomes de 3ª pessoa

- Agora o verme se num matá ele, a pessoa vai in[d]o passa a cumê, cumê terra, p.214
- É, quando ele já ... o mii tá prantado pa bo ... isboçá ele, né? P.223
- Ah, mais aí tem que esperá ele, né? (milho) P.223
- Aí tem esperá ele, quais[e] nessa ép[oc]a assim p[ar]a quebrá, né? (milho) p.224
- Se quebrá ele verde e num dé sol assim, quebrá ele mei[o] verde e num dé sol p[ar]a, p’ele secá aí ele mofa tudo, né? (milho) p. 224
- É esperá nessa ép[oc]a assim que aí cói ele sequim, né? (milho) p.224
- Se prantá ele muito perto ele fica finim, (milho) p.225
- Três limpa p[ar]a podê coiê ele. (milho) P.226
- P’a [g]ente batê ele manuali é, corta com ferro... (arroz) p.227
- Faz um terre[ro] ... rudeia ele assim um... (feijão) p.228
- Ranca ele e joga na coiedera e bate. (...) Quebra não. (feijão) P.288
- Ah o arroz, gente insaca ele e impia dento de casa, né? p.288
- tinh’ũa galinha no terrero, num tinha quem comprasse, aquilo sobrasse um saco de mantimento, o caruncho cumia ele que num tinha comprado, er’ era era difíci’ a vida, ó. P.254
- Pega na gente [as]sim, a gen’ custa tirá ele, (carrapato vermelho) p.257
- Eu ia ajudá ela, né? p.213
- É eu fui essa vida, acumpanhano ela, p.215
- Ela me considerava bem e eu considerava ela também, né? p.217
- Di[a] que a muié sentia mal gen[te] pircurava ela, né? p.218 (parteira)
- eu truxe ela pr’aqui, p.218 (menina)
- eu já morava [a]qui, eu truxe ela pra cá, né? p.218
- Aí pegô ela levô em Catalão, p.218
- É dois meto de corda, passa no fundo e top’ela na boca do jacá assim p.225

- É uma corda que nem essa aí, agora põe ela...dois metro, põe ela no chão e põe o jacá em riba p.225
- Corta a rama assim, uma posição que a gen[te] peg[a] ela pa batê, né? p.227
- Agora bate, depois gen[te] vir[a] ela, torna a batê. E aí panha ela e joga fora e põe outra, né? p.228
- A ema é e praque num po[de] mata ela hoj'em dia que é pruibido, p.232
- quan' Deus chamô ela eu tav' com a vida descansada p.233
- aí eu vi ela aí eu mandei um cassete intrimei' (cobra) p.235
- aí quandi eu vi ela eu mandei um cassete entrimei os dois, aí cortô a traição dela, o ratim foi 'bora, né? p.236
- É dá grande tan[to] c'a ho[ra] se a gen' vê ela [as]sim ela ela [a]chata no chão, fica chatim. (cobra) P.237
- Uai e[la] e[la] e[la] deu poco prazo d'eu vê ela que tav' muit' chujo (cobra) p.238
- Aí ela chegô lá dent[r]o eu chamei ela, p.239
- É que as da de assombração, né, mai[s] eu num cheguei vê ela assim bocalmente não, né, p.248
- Uai se fi...fizé ela grande pode fazê inté, pegá inté vinte saco de mantimento, né? p.251
- Às veiz gen[te] té já palavriava eza, né? (parteira) p.218 (eza: variante de elas)
- Não, ela ganhava e[le]s tudo lá na roça, né? (os filhos) p.218
- Não, custuma, ó...dipois que...a gente amansa e[le]s, né? (os bois) p.220
- Aí eu, eu vim prá cá e eu fui vendeno e[le]s, né? (os bois) p.221
- Ah, que se prantá e[le]s muito largo nessas terra fraca ele num dá nada, né? (o arroz) p.225
- Lugar que num tem uns gato pa pegá e[le]s, estraga muito mii. (os ratos) P.229
- Mais mui[to] difici' é, num é todo ano c'a gen' vê e[le]s não. P.232
- Não, graças a Deus nunca nunca ofindi e[le]s cum nada, né, p.243
- e[le]s vem tudo ali pa cumê aquela, aquela, seva que põe lá aí fica bão de pegá e[le]s, né? p.260
- adoro, todo neto, né, que eu tem, é neto é bisneto tu...eu consider' e[le]s tudo. (os peixes) P.260
- Dá de mato, né, hoj'em dia é difici' a gente vê el[e], um bich'[as]sim, p.230

- se eu num chego ela ia pegá el[e], né, e[la] tev' lá pert' del[e] [as]sim e vortava choran' [as]sim ia lá long', vinha que vim, eu fiquei oian' num tav' ven' el[e] não, [as]sim p.235
- el[e] envinha pra dent[ro], né, o gato o gato viu el[e] o gato quiria pulá nel[e], e[le] rudiô, né? Aí acindi a lâmp[ad]a el[e] tava aqui aí eu matei el[e]. p.237
- Que se eu, se eu se eu laigo e[la] el[e] el[a] el[e] levav' a cuberta, ia imhora memo. P.248
- Chamá el[e] de pião e[u] acho que num é certo, p.256
- e[le] vai pregan' na ropa assim vai inrolan' [as]sim ó gen' num dá conta nem de tirá el[e]. p. 256
- Qu'eu oiei, ela já ia sumin' no mei' do capim, deu pa mim pa mim matá el[a], né, p.239
- tinha pedra que gastav' três hóm' pa pô el[a] em pé. P. 245
- Puxava 'té, eu drobava el[a] [as]sim no juêi 'qui (*gestos*), p. 248
- e[la]s berra do tipo de bizerro, [as]sim à[s] ve[zes] fica em riba dum cupim e berra lá do tipo dum bizerro, a vaca vai ali incosta e[la], p.236

2NF91 – segunda narradora, gravação em 31 de maio de 2003, no povoado de Pires Belo, na sua casa. Narradora de novena e um anos, vive sozinha.

Pronomes de 1ª pessoa

- Deus mim live. P.263
- A merm' muié que tomô conta de mim quan[do] minha mãe fartô, ela foi lá e mim buscô, p.267
- el[a] num dexava as fia dela mim batê, p.267
- Aí o cumpade (...) que num morava pra cá, na fazenda, foi lá mim buscá. P.268
- O Seu (...) até mim bate, o Seu (...) mandô fala que é pr'ocê i[r]". P.268
- Nunca que el[a] el[a] nunca mim bateu. P. 269
- Véia morreu aí es[sa], a minin' garrô mim chamô pa i[r] ficá lá cum ela lá, p. 281
- O (...) chamava eu de fia. P.267
- Tadinha, dexô eu com a cunhada del[a], (...) são ind'é viva ainda, dexô eu cum a cunhada dela e as minina e foi pa Catalão. P.268
- El[a] gavava eu dimaisi. Ele[a] gavava ieu. El[a] chamav' eu de criola. "Ô criolinha!" p.269

- Qu'el[a] mar¹⁴⁴ punha ieu ... tinha que levantá de madrugada. P.269
- Ieu mair punha eu [le]vantá todo dia, cedim, p.269
- a mãe num quis pô eu na iscola, pôis só meu irmão. P.273
- É, [condução] pá levá ieu no, levá ieu. Levô ieu, eu fiquei lá internada. P.280
- quais[e] que era do tamãe dessa, mais piquena, a cumade (...) era maió, assim, dexava nóis ma[is] el[a], ela p'a oiá os oto tan'119 piquininha, p. 262
- Nós já 'tava durmin', fazia cumê, levantava nós lá da cama pa cumê. P. 262
- [de]pois meu pai sarô do que...saiu, laigô nós a muit'...com ela, p. 263
- É. Dexô nós só com a minha mãe. P. 263
- Os minin' impurrava nós assim, nós ia atravessava os corgo (*risos*). P. 266
- Minh' mãe dexava nós i[r] pa lá, p. 267
- El[a] num gostava que nós ficava perto, mandava nós i[r] passia, bincá pra lá. P. 267

Pronomes de 2ª pessoa

- "Oh (..) minha, o seu (...) man[da] n'ocê... mandô buscá ocê". P.268

Pronomes de 3ª pessoa

- Que o povo mandava ela, arranjava ela pa [ca]piná¹²⁸ algudão, arranjava ela pa pa micê¹²⁹ cum mandioca, né? Renje ... arranjava ela de, pô poco siiviço, el[a] ia tabaiá. (a mãe) P. 264
- No[i]te intera. Er er' t[r]ocado, a no[i]te da minha mãe olhá ela, tinh[a] no[i]te do marido dela, né. P. 265
- Quan[do] eu...quando assim tô infraquiada¹⁵⁶ eu vô na marcela, peg' ela, põe no copo, bebo aquel[a] água margosa. P. 279
- Fazia, fazia buneca, punha (*risos*), punha e[la]s, punha as buneca nos b[r]aço p.266
- Ah! Gente, gente suspende el[e] assim, suspende el[e] hor[a] que pára, num tá socan' nada mais né. Gente suspende assim e sigur[a] el[e] cum pau, p. 272
- Sunga, sunga o o munjol pa riba e toca o pau [as]sim pa sigurá el[e]. É fíimá¹⁴⁶ el[e] p'ele num [descer?] lá. P. 272
- Ah! Mia fia, a...retaiava el[e], salgav' bem salgad', punha no soli. Pa secá. P. 273
- Nós g[r]osa el[e], g[r]osa el[e], bem g[r]osadim, depois, tira aquel[e] miolo, que el[e] tem e põe de môi, p. 274
- depois põe el[e] no... na na calda, ia lá, punha fogo, doce daquel[a] calda. P. 274
- E a a mãe passava no[i]te intera oian' el[a]. p. 265

- Inté hoje num vi el[a] mai[s] não, né fia. P. 269.
- Eu dexo el[a], el[a] mais a (...) i[r] nas festa p. 270
- ela vêi cumigo, depois tive que i[r] lá na casa dela, laiguei el[a] p.272
- Inda retaiav' el[a] [as]sim, bem retaiadinha, salgava, punha lá no sol pa secá, ca[r]ne de gado. P. 273
- A [carne] de porco f[r]itava e punha na lata. Punha, punha el[a] lá, a carne, na la ... p.274
- dipois, gent' feiventa el[a], passa el[a] na água quente mi fia, gent' pas' pa, pa tirá o amaiguzim, depois põe el[e] no... na na calda, ia lá, p.274
- Tão boa, tá lá em cima, lá ó, puis el[a] lá em cima el[a] caiu de lá. (minha roda) P. 277

3NF(70?) – terceira narradora, gravação em junho de 2003, no povoado de Pires Belo, na sua casa. Narradora de 70 anos e mãe de oito filhos vivos.

Pronomes de 1ª pessoa

- aí ela ganhô ieu na roça, né, aí depois ela foi 'bora mim dexô eu cum seis mêis, p. 283
- qu' é a minha mãe de criação, que mim criô. P.283
- Aí ela mim largô e foi imbora. Aí minha, a minha tia que mim criô. P. 283
- Ah! Eu fiquei só trêi' mêis, cheguei lá meu tii mim buscô e chegô lá mim casô tão criança, né, eu num tinha catoze tinha [as]sim, treze e poco. É, foi cum catoze, né, fartav[a] trêi' mêis pa catoze, meu tii mim casô. P. 283
- Eu vim pra dent[r]o gritan': "(...), mim acode, ai!" p. 299
- Deus mim ajuda que num aconteça nada que o santo num mim castiga qu' eu trabai' que precisa, a gente é pob[re] p[r]icis' trabaiá, né, fia? P. 300
- "Não, eu vô trabaiá, Deus mim ajuda que num tem nada." P.300
- a mãe que mim criô tamém que morreu e[la] senti muito, foi difici'. P.312
- Não, nunca vi, e[la] mim laigô cum seis mêis. P.312
- aí eu fiquei c'a ota mãe que mim criô p.312
- Intão, e[le] nunca mim pôir na iscola p.313
- Num tinha nem catoze ano, nunca mim puser' na iscola e nunca mim dero nada também, p.313
- Aí no mem' istante el[e] mim casô po[r] caus' que ela morreu aí a tia, a muié del[e] era muito braba pra mim, p.314
- Aí mim regist[r]ô, depois correu os nome. P. 314

- Deus mim liv', e[u] nunca cheguei nem per[to] do namorado. P.314
- Tá, hoje e[u] tô com os fii criado, e[le]s mim ajuda, né, p. 316
- Sirvicim de casa memo, que a minina mim ajuda, p. 316
- aí ela ganhô ieu na roça, né, p.283
- e aí o que meu tii fez foi casá eu nova, novinha, né? p.313
- Aí nór num come, num trabaiá, intão Deus guarda nóis, né? p.301
- Uai puque, puque diz' que se a gen' trabaiasse era ca...diz que castigava a gente, né? p.300

Pronomes de 3ª pessoa

- Pa fazê inchia ele, inchia el[e] de paia pa fazê cochão, p.288
- Aí quebra ele, corta e rala, rala el[e] depoi'...Corta o mii, né? p.291
- Õa arapuca põe dois pau e põe dois cordão e incruza ele e vai pon' pau pra lá pra cá, vai cruzan' e[le]s até dá na copinha, p.296
- Uai, soca ele. Soca num pilãozim e e tira o sumo e bebe pa pô o verme, aí põe tudo o verme, verme, lumbriga. P.303
- Esse a gente ...'ruma, rapa ele, soca e põe no vim branco, ca... p.304
- Num é fôia não. Grande. Põe lá, seca e põe pa pa iscaldá, masseta ele e põe água, quente, escalda e bebe, adoça. P.305
- De longe qu'e[u] vi ele. (rapaz) P.314
- Hora c'a gente vai fiá a prasta tá separadim igual um dedo. É, fai...chama prasta. É. Aí gen' tira ela, vai tiran' aque[la]s prastim e fian'. P.285
- É, quand'eu num tinh' o miadô e[u] fazia é no braço assim, tirava ela da roda no braço, mais aí eu mandei fazê o miadô. P.286
- Igual eu fazi'assim branquim, assim pa fazê caxa de frori, e[u] tem ãa aí depois vô mostrá ela pr'ocê. P.286
- Õa lançadera é ãa canoinha, fai[z] aquela canoinha ãa lançadera, e enche a canela um um trenzim de de taboca, enche de linha e põe den[tro] da lançadera, aí tem que trabaiá c'a lançadêra, pô ela tocá. P.287
- Pa imbrunhá, mó do frio. É boa, quentinha, de, é, ticia ela de quadro, de vermei' cum azul, muito bunita. (coberta) P.289
- Marra [as]sim, põe ela na, a massa na paia. P.291

- Num derrama não, põe n'água freven' memo. Aí põe ela e[la] já 'marelan' é no instantim, tá pronto. P.291
- De sal e a pamonha assada é [as]sim é, assa ela põe na forma, né, e assa e pica os pedaço. P.292
- É abroba pa gente, planta ela pra cumê o batidim dela, cumê e[la] madura, né? p. 293
- Seca, carne seca, seca ela e põe no jacá. P.295
- É, aimá pô...da...airma ela po passarim entrá lá dent[r]o. p.296
- É, assa ela e faiz o chá cum óleo de mamona, toma mod'a preumunia. P. 303
- É, e[le]s trata ela de e[r]va pod[r]e. p.304
- É bão dá a quina, a quina torrada, tem que torrará ela. P.310
- É, aí casca ela e lav'ela bem lavadinha 'quela mandioca [as]sim, ó, lava e põe pa secá, p.311
- A [mãe] ligíti[ma] e[u] nunca vi ela. P.312
- Aí e[u] senti muit'[as]sim qu'ela foi 'bora, e[u] nunca vi ela e aí eu fiquei c'a ota mãe que mim criô e ela morreu e[u] achei difíci', né? p.312
- a gente sintiu muito baque, né, de se perdê ela. P. 312
- Pa fazê inchia ele, inchia el[e] de paia pa fazê cochão, p.288
- Aí quebra ele, corta e rala, rala el[e] depoi'...Corta o mii, né? p.291
- Ña arapuca põe dois pau e põe dois cordão e incruza ele e vai pon' pau pra lá pra cá, vai cruzan' e[le]s até dá na copinha, (os dois cordões) p. 296
- O iscaçadô é um treim de pau, né, isca...assim um isca[ro]çadozim, aí a gent' vai tocan' el[e], tocan', vai passan' o algudão. Vai passano, passan', aí depoi' gente pega carda, aí é cardá, né? Depoi' vai se... vai ajuntan' el[e], vai juntan' el[e]. Uai, é puque passa el[e] p[ra]el[e] saí o caroco, né? P.284
- Aí passa el[e] no iscaçadô, o algudão vai passan', a semente vai fican' pa tráis, a sementinha preta. P.285
- Uai, passa ña carda na ota, né? Ña carda na ot[a]. O algudão põe no chi...é, aí tira el[e] da carda põe no jacá. P.285
- Sigura el[e] assim, vai baten' [as]sim ó, é igual essa alcinha sua é o cordão [a] qui ó. P. 285
- Põe dois, põe dois isteio e doir baxim duas estaca baxinha, põe el[e] baxim assim, ó, p. 287
- É puque fazi[a] o vistido e maircava, arvejava el[e] branquim e ma...fazia maiquinha. P. 288

- chegô lá e viu o minino inrolado nũa fronha, cum todo frii, aí ela mim deu as flanela qu'eu imbrunhei el[e] o minin' drumiu a noi[te] toda, p.290
- Corta com o ferro, corta el[e] e bate. P.291
- Depois que cõa el[e], depois tempera e põe pa cuzinhá as pamonha, aí marra. P. 291
- Pa dá mais goma, que sinão se pô el[e] muito fraquim igual assim pa pamonha aí ele, el[e] num fica grosso, num fica bão, né? p.292
- põe a água pa frevê nũa caçalora e vem debruça el[e] assim e tampa, aí el[e] vai, el[e] cunzinha den[tro] da tampa. P. 292
- Durim assim, a gen...bem duro, a gente rala el[e] e cõa e faiz fubá fazê bolo. P.292
- faiz o angu, pa cumê cum frango, né? É, rala el[e] e cõa na pinera grossa depois faiz o angu p.292
- Aí punha fogo nel[e] buscava aquel[e] mundo de lenha, punha den[tro] del[e] e e dexava el[e] ficá bem quente, p.293
- Não, [o forno era] no terrero, fazia no terrero. Uai, ia foirman' el[e]. Eu foirmava el[e] assim eu ia pon' adrobo, tijolo ô cupim, ia foirman' foirman' até fazê, depois punha a pedra, três pedra na boca del[e]. p.293
- Não, refrescá muito não, aí qu'e[le]s ia [re]frescan' aí punha de goma, punha quebradim e tampava el[e] p. 293
- Um poirco. É puque capava el[e] depois punha no chiquero e tacava mii nel[e], p. 294
- aí el[e] cumia mii cumia mii cum dois trêir mêis tava aquel[e] bichão gordo, aí nóir matava el[e] aque[le] farturão p.294
- Mai[s] num com[e] el[e] sem castrá o poico macho, num come sem cast[r]á não. P.294
- “Sinhor[a] da Lapa, eu vô imbora” e el[e] oiô assim o tatu vei de fasto e el[e] pegô el[e] e p[el]o rabo e matô el[e] de raiva. P.297
- Interrô, um tal de (...), morreu, e[le]s achô el[e] podrim. P.298
- ninguém sabe se el[e] morreu na hora, se sofreu muito, cum oito dia qu'e[le]s achô el[e], pelo os urubu. P. 298
- Aí e[le]s achô el[e], o lencim de mão, lencim de mão del[e] rodô, tirô a butina, el[e] tiro a butina, deve qu'el[e] aturô um poquim, né? p. 298
- No mesmo dia, na mesma noite, e[ra] sepurtô el[e] era duas hora e nóir foi 'bora, p.299
- Num quiria, o pai del[e] que feiz e[le] trabaiá, né, xingô el[e] daque[le] nome da pelada: p.301

- É puque é qu'e[le]s trata el[e] e[r]va pod[r]e, mais e[u] cha[mo] capitãozim. (o remédio) P. 304
- Rabo [de] tatu é p'o istombo. É. Se a gente tivé c'o istambo rui bate el[e] num copo de água e vai beben' aquela água, é p'o istôm[ago]. p.305
- É pingo de amor...E a gente que... é... foi, frita el[e] na no óle' de soja pa pô no ovi' do nenê, p.307
- É, um paim' mais ó men', el[e] dá todo tamãe e dá ãa raiz des[se] tamãe, aí el[e] é a gente fura el[e] e is...ispeta na aguia e põe pa secá. P.309
- Tem o tempo, aí a gen[te] tem el[e] guardado e hoj'im dia ar muié num tem. P.309
- Velani, e...faiz el[e] com, 'mé chama? P. 310
- É bão pa córrica, pra nenê, pra gente grande, a gente bebe el[e] mai[s] sara me[smo]. P.310
- É de todo tempo num é de pran... pranta el[e], po[de] ficá um ano, dois ano, três ano, direto. De horta. P.310
- Quem beb'el[e] não dá verme. P. 310
- Algudão, do campo, ess[e] eu uso el[e] também. P. 311
- E[le]s tratô...uai, se num gostasse, e[le]s tra...viu el[e], meu tii agradô dele, que sabia qu'el[e] era boa pessoa, el[e] é boa pessoa mesmo, né? p.314
- E eu namorei co'el[e] assim, e[u] vi el[e] duas veiz o dia... p.314
- É abroba pa gente, planta ela pra cumê o batidim dela, cumê e[la] madura, né? p.293
- Dá fôia, frita e[la] no ói de soja e põe no ovido, sara memo. P.307
- Aquela morreu só a que fica lá que vô vê, ela brota. Não, tem ãas que brota, a gente ranca e[la], vô lá rancá quando e[u] chego lá e[la]s tá brotadim de novo. P.308

4NM(80?) – quarto narrador, gravação em junho de 2003, no povoado de Pires Belo, na sua casa. Narrador de oitenta anos que viveu grande parte de sua vida na roça, mudou-se para o povoado para que os filhos estudassem.

Pronomes de 1ª pessoa

- quan' tinha um baile na na roça aí ó, logo gente ficav' saben', as as moça (*risos*) já mandava avisá nós p.318

Pronomes de 3ª pessoa

- O arroiz quan[do], quanto ele fica bão demais ele c[r]esce, ele se vem ãa, um vento el[e] deita ali, fica, pa pa coiê, é custos[o]. Pá cortá ele. P.326
- “Ah! Vam””. Aí e ia chaman’ os os vizim tudo mair num contava ele não, quand’ er’ de noite chegav’, chegav’ de madrugada lá, p.329
- e vei vei chegan’ e ele ho[ra] el[e] viu ele, aque[la] aque[le] vulto assim ele foi e a atirô el[e] de revorv’, né? (bicho) p.335
- ‘Prindia que a cabaça num afunda, né? Aí tirava, tirava ela e nadava suzim. É fundo. Pescava! Ah! Mai’p.320
- Ajunta ela [a sobra do milho] tamém e quema. P.325
- Ah! Er’ um hôme’, el[e] er’ do ôi azul, baxo, mei’, parece que ’té er’ mei’ careca, né? Num tem lembrança direito. Cê cunheceu el[e] não, né? p.318
- Cunhicia el[e] mai’ num sabia onde que el[e] morava não. P.318
- É tip[o] dum arco. Gen’ pe[ga], pu[xa], pega, gen’ lavra el[e] de lado de lado dexe o o lugá da gen’ pegá assim e ma...marra ãa corda assim, a corda fica isticada. P.319
- Quant’ e[le] secava quemava el[e]. p.322
- Uai, gente le...leva el[e] po paiol, põe e[le] no paiol lá e vai, e põe os porco no chiquero e vai, to[do] dia vai tiran’ o mii lá e cascan’, jugan’ pos porco. P.324
- Limpa o mio aí o mi...aí o mii fica bunito se que se num limpá el[e], el[e] vai marelan’ ali no mei’ do sujo, né? p.324
- E põe põe encima, va...põe el[e] encima do pano tamém. P.325 (o arroz)
- o cacho ali e já vem a, as frutinha ali c[r]escen’ [a]li el[e] num, gen’ nuns vê flor não. Ah! Que el[e] vai sain...em em vê el[e] el[e] vai, premero sai a, e[le]s fala a burracha, tá imburrachad. P.325
- Reméd[i]o de campo tem, tem o cravinho...Velano...Velan’ cum cravinho, tom[a] el[e] junto é pa, é bão pa curá quarqué um ãa duença aí que veiz um, p. 331
- Mar num cunhe... num cunhici el[e] não. (viado gaiero) P. 332
- Uai, num sei, que e[le]s fal[am] que [g]en[te] num po[de] cumê el[e] não, [a]go[ra] os ot’, os ot’ pode. (tatu galinha) P. 333
- só que e[le]s é el[e] e[le]s num num avôa iguale os ot’ passarim que avôa no ar assim, só avôa [as]sim, se a gente ispanotá el[e] aqui el[e] avôa aqui e vai ... p. 333
- Aí um dia nós, foi eu, um irmão meu, nós foi ãa turma lá passia lá cum poco el[e] pegô subiá, vei subian’ pertim assim mai[s] noir num viu el[e] não, noir via só iscutá só o subii. P.336

- Aí, daí quanto e[le] tivé, hora que e[le] tivé penduano, dan' o pendão, queren' dá espiga, né, aí capina e[le] pa prantá feirão no mei'. P.324
- Era vara daí passô batê, fala que chamav' pilungue. Uai cê, pega dois pau e trela e[le]s e vai baten' [as]sim, no feirão. P.324
- [O fedegoso] É pa gripe, né? Um ramo, rancava e[le], fazia raiz, da raiz 'massava e fazia o chá. P. 331
- Diz que e[le]s, el[e] el[e] el[e] sofre ataque, diz que el[e], se cumê e[le] pode fazê mal, né? (*risos*). (tatu galinha) P.333
- Antigamente ti[nha] mûta chaga, ago' hoje num tem mais que o, num tem iss[o], quai[se] num tem barbeiro mais, né, quai[se] num tem chaga não, mai[s] lá e[le] e[le]s joga remédio, mata, né? Consom' e[le]s. p.335
- Ia com os pai ia. Os pai' ia levav' e[la]s. p. 318
- Era as muié que fazia pa gente. E[la] tin...e[la] punha tiracolo assim ó, tinh' ãa cordinha, pindurav' inchia e[la] de pedra aí. P.320

5NM(66) – quinto narrador, gravação em abril de 2003, em Catalão, na casa de sua filha. Narrador de 66 anos com escolaridade mínima conta vive na roça até hoje.

Pronomes de 1ª pessoa

- Deus me livre, amairga demais mesmo. P.355
- Que qu'ele fez? Me pegô e jogô den[tro] do fogo. Eu saí cinzento de cinza e queman' os braço, tav' aquel' fogão. P.370
- Ah! Deus me livre. Cabô, né. p. 378
- Ele foi lá em casa me chamá, nós foi. P.379
- Ele foi lá em casa me chamá, nós foi. P.338
- Ele usava... nós usava uma tabuada, eu num sei cum' é que falava, ele punha nós em pé, numa parede. P.372
- Õa veiz ele chegô acontecê dele mandá nós saí da fazenda po[r] caus[a] disso. P. 373

Pronomes de 2ª pessoa

- Ele a...o boi aprende, te cumpanhá. P. 341
- Vamo supô, uma istrada, cê vai, vai, cê fala, cê cham' o boi. Ele te cumpanha. P. 342
- “Eu vô buscá mais gente pa tirá ocê daqui, qu'eu suzim não te carrego.” P.379
- uma arve a ota soltava uma gaia, podia te pegá. P.379

Pronomes de 3ª pessoa

- Do mesm' melado [fazia rapadura e açúcar]. Só cumo...no fervê ele, el' era mais frac'um pouco, p. 340
- Aquel[e] melad[o] que caía parav' ele pa fazê a cachaça. P.341
- O carrero tem cum[o] brigação de iducá eles. P. 343
- E sempre a tro[pa], levava tropa, que às veiz um burro cansava, tinha aque[la]s tropa pa pô no lugar, né, pa trocava de animal. Aí punha ele tocado, ele ia junto c'a boiada. P. 351
- Do sujei[to] que ficava numa ribada, pegava o boi e às veiz o boi infezava tanto que ele não conseguia tocá ele. P. 351
- Ele furava a venta do boi e marrava um laço, uma corda e punh' ele, puxava ele no burro. Marrava ele na chicha222. P. 351
- Ali el' tinha que laçá o boi, fazê aqui[lo] [a]li suzim, né? E derrobá ele pa pô uma formiga. P.351
- Cê pega, cê bate ele na água assim ele ispuma. P.355
- Primero num, é três mêis, depois mais dois mêis pa el[e] secá po cê podê quebrá ele, por exemp[lo], se fô quebrá manual, né? p.357
- Se ocê prantasse ele com o mii muito verde, o mii judiava com ele. P.358
- S'ocê tem que lavá ele, p.361
- E ranjô ele pa batê um pasto, pa impreitá um siiviço pra ele. P.363
- Chegô lá o jagunço tav' atrás do morão da portera. Quas[e] matô ele de tan[to] batê. P.363
- Corta, tem a ferramenta, que nós fala fial de cortá arroiz, corta ele todim, fazen'os montim, que se fala bandera de arroiz. P.366
- Aí carrega ele, leva pra den[tro] daquele rancho, no terrero, limpa o terrero, limp'o chão, var[re] bem limpim e vai batê. P. 366
- cê tem que capiná, cortá aqui[lo] tudo d'inxada, aquela soca que fica, ca gente corta ele às veiz, assim, um palm', mais de palm' de artura, capiná aquil' tudo, muntuá tudo, limpá a terra, quemá, pa torná prantá. P.368
- Aí cê ensaca, vai no ... tem que baná ele, qu'ê tirá o chocho, a munha, né? Bana num ... na pinera. P.368

- Feijão não usa o rancho. Poque ele num ispirra quase, que cê isparrama ele no terrero aonde cê vai batê. Ele num ispirra, né, igual arroiz que ocê vai movimentá ele no braço pa dá açoito nele pa batê, né? P.368
- Às veiz, ficava cum ciúme de uma determinada pessoa ca namorad'e queria que fosse pa ajudá ele. P.373
- E nunca mais viu ele também, né? p.375
- Cê escutava ele cantan'. P.375
- Nunca caçô ele, nunca falô nada. P. 376
- Quan[do] nóis panhô ele, já tava morto. P. 376
- Eu, era muita gen[te] chegô, e eu peguei ele. P.377
- E ele morava sozim. E de noi[te] choveu na cabicera desse reberão e deu ãa inchen[te] tão grande, passô den[tro] da casa dele, carregô ele. Not[ro] dia, e[le]s foi lá, cadê o hôme? Foro caçá ele, foi achá muito longe, morto. A inchente tocô ele. P. 377
- Pegô o machado, cortô aquelas galha que tava prenden', tirô ele, ele já quas[e] num falava, p. 379
- Aí, nóis já foi atrás de gente cum carro pa tirá ele de lá, né? p.379
- Cunheço o rapaiz que morreu num tem muitos ano, só que eu não vi ele mo...na morte dele. Vi ele morto. P. 379
- E[le]s fala c'o laço prendeu ele, eu num sei ô se foi ãa morte de repente, p.379
- Depois passado e[le]s falaro que foi o laço que prendeu ele. P.379
- Jogô ele no chão. P. 379
- Tirava a garapa, tinh'o cocho pa onde ela curria, né? E...depois ia fervê ela pa...cuava o di'intero. P.340
- A istera fica, trança ela, marra ela co'as corda nos fuero, põe por dent[ro], amarrada. (...) Faiz ela ca...tece ela no chão, faiz ela de cumprido [a]quel[e] trem cumprido e depois dobra ela assim, verga ela e põe. (...) Tira ela. Tira. Se quisé aí carriá uma maderá, por exemp[lo], tira ela. P. 342
- É passá a corda no chifre. Ajojo. É uma corda; corta do co[u]ro e torce ela. P. 344
- Quas[e] toda fazenda tinha disnatadera. Aí cê ia pono ela, era e[la] tinha um cabo, é manual. P.349
- Tem [a]massá, raiz, e bota ela n'água, amarga demai[s], e vai toman'. P. 354
- Prantava. O le[i]te da mamona, [a]panha o cacho. Ele mei verde, amuntoa, depois bate. Aí levava ela. Bate ela com uma vara. Cê muntoa e vai batê, ela dibulha. Dipois, leva pra casa, aí soca ela. Torra ela na panela. P. 359

- E a casca da mandioca, quand' é muit[a], cê pode guardá. Seca ela. P. 369
- O pov' usa, que eu cunheço, é não, às veiz faiz da mandioca, assim, cê rala ela, sob[r]a aque[le]s pedaço, que às veiz ralava na mão, sobra. P. 369
- “Óia, eu fiquei deven' uma conta, ocê paga ela pra mim qu'até hoje eu num consigui descanso ainda po[r] ca[u]s[a] dessa dívida.” P. 375
- Muita gente levava corte muito grande de foice. Machucava. Às veiz cê vai dá um gorpe, ela garra nũa coisa quarqué lá em cima. Tira ela da direção, vem na perna, no pé, né, corta mais é a perna. P. 379
- Ali punha el[e], el[e] no melado gros[so]. P. 341
- Trabaiei sim. É. Aí. É. Aí ia co'el[a] pa...pô el[a] pa fermentá, né, que lev'uma tantas hora. P. 341
- Mas, pode passá na terra que num tem pranta ainda pa prepará. Pode cruzá el[a]. p. 357
- Semp[re] põe, por exemplo, põe quato manso, põe aquela junta, braba, no meio, que is[so]...os mans[os] comanda e[le]s, rasto, né? Semp[re] c'amansa é assim. (os bois) P. 344

6NM(62) – sexto narrador, gravação em agosto de 2003, no povoado de Pires Belo, na sua casa. Narrador nato de 62 anos, casado e pai de família.

Pronomes de 1ª pessoa

- “Num posso saí, o sombração me ceica.” P.421
- Aí e esse, aí cabô o sirviço lá que e[le], já era tempo de prantá roça, né, tinh'um tale o...(...) por aí, o o (...) que e[le]s falava, tinha ãas terrinha lá no Corgo Fundo. Mim chamô: p. 383
- Vindia na rua lá aque[le]s butequer' lá mim comprava, né, p. 385
- Ess[e] hêm' mim compro mõi pipino. P. 385
- Aí e[u] fiquei lá uns três an' mais ó men' aí eu, não, aí é, é em antes de desse desse quand' ô vim o (...) mim chamô, f[al]ô [as]sim: p. 386
- “Ah! Cê num mim cunhece, cê sabe quem eu sô?” p. 387
- “Ah! Sô, acho que agora 'cabô, eu num tô fedem' mair não, mais eu tô ven[do] um trem que num tá mim agradan[do].” P.388
- “Ô (...) eu vô te dá um saco de arroi[z] ma[s] eu quer' c'ocê num mim amola eu mair nunca”. P. 389

- tinh'um fazendão lá, el[e] del[e] era poco, mais er' do pai del[e], é só que el[e] morava lá, e[le] tinh'um pedaço, morav' lá, tomav' conta de tudo, mim chamô pa mudá pa lá. P. 391
- Aí e[le] mim chamô: p. 391
- Aí nó[s] foi mudá o rego lá e um pedaço, num era ...pedacim poco, tinh'um, deir metr' de cumprimento, mais dav'ũa fundura que Deus mim liv[r]e, p.391
- aí quan[do] foi no oto dia o cumpade (...) mim chamô, falô: p. 392
- quand'eu tava lá no (...), qu'eu cuí a roça lá, qu'eu namorav' ca muié, qu'eu ia casá no mêi[s] de julho el[e] mim chamô. P. 393
- Aí e[le] mim chamô, falô: p. 393
- mim chamô pa mim dá uma volta co'el[e] lá na fazenda. P. 394
- tinh'um fazendão lá, el[e] del[e] era poco, mais er' do pai del[e], é só que el[e] morava lá, e[le] tinh'um pedaço, morav' lá, tomav' conta de tudo, mim chamô pa mudá pa lá. P. 391
- Mim chamô pra vim pr'aí, p.395
- fo[i] até co (...) é que levava esse motor pa mim ajudá, p.396
- mim chamô: "Vam' pantá roça lá cumigo." P.397
- Uai, o hôme num mim pagô. Ficô mim inrolan', eu ia lá el[e] mim dava vinte mirréis na épo[ca], P. 398
- o o os rapai[z] daqui de Pires Belo, todos ele cunvers[am] cumigo, ô se minin' cunvers[a] cumigo e mim trata eu de vô, mim trata ieu de num sei de que, num sei de que, cê sab'o que é, né? P.400
- Quand'er[a] de madrugada nós ia, e[le] chamava o nói[s], ãa hor' da manhã, chamava, nói' levantava, lavava o rosto, num tin[ha] café, tin[ha] nada não, né, ia lá po curral, sô, o frio que Deus mim liv[r]e. p.403
- [A]qui[lo] os pé tava duen' de frii, as mão gelada, a cana fria que Deus mim liv'! P.404
- Não, não não não não, Deus mim liv[r]e eu ieu, o di[a] que, o di[a] que fala que é um dia santo eu tem que trabaiaá, eu já levanto cedo, à veiz argúem fala: p.417
- num é é é, eu sei que é dia santo, sei que s'eu pudes[se] ficá à toa eu ficava, era bão respeitá o santo, dia santo mais eu já, eu num posso, qu'eu tem o siviço pa fazê que s'eu num fizé hoje mim istrangola." P.417
- ma[s] meu pai mim chamô pa oiá, qu'eu oiei lá, falô: p.420
- "Eu vô fechá o zói (*risos*) e vô passá, se ess[e] trem quisé pegá mim pega." P.422

- “Ah! Que bobage, rapai[z] mim matá! P.425
- e mim chamô, eu tava ali pertim [as]sim: P.426
- e chegava lá tava aquel[e] frii que Deus mim liv[re], né, aí sempre tinha aque[la]s moça que era amiga da gente, p.429
- “Ô (...) eu vô te dá um saco de arroi[z] ma[s] eu quer’ c’ocê num mim amola eu mair nunca”. P.389
- e[le]s ’cabô de tirá leite chamô eu pa tomá café, p.391
- “Ah! Vam’, ’judá eu ará um chão lá.” P.392
- e o
- cumpa[dre] (...) semp[re] chaman’eu pa mim volta p.395
- ô se minin’ cunvers[a] cumigo e mim trata eu de vô, mim trata ieu de num sei de que, num sei de que, cê sab’o que é, né? p.400
- “Não, Deus mim perdoe ieu, o santo mim mim perdoa ieu, eu vô trabaiá, p.417
- “Não, entrá muntado eu num entro não puque aqui num cabe eu ma[s] ô vê se é. P.425
- só276 cabá o almoço cêis pode almuçá, ago[ra] me[s]m[o] eu vem, p[r]icis’esperá eu não. P.433
- tempo da minha mãe viva ela ela corrigia a gente. P.416

Pronomes de 2ª pessoa

- “Você num entra aqui dent[ro] não qu’eu te mato.” P.425
- “Pelo amor de Deus, cê num põe ess[e] trem aqui dent[ro] não qu’eu te mato.”p.425
- “Entra nessa capuera aí e some, dexa o (...) te vê não, e nem o (...), entra aqui pro bax’aqui nes[se] fundo aí, ó, some, vai ’bora.”p.427
- “Vam’ lá, ô levá ocê lá.” P.426

Pronomes de 3ª pessoa

- Se tivé, pego ota lenha, o olé[o] cê lavrava ele el[e] ficava no sol lá el[e], virava a ponta pa riba um poquim. Intão num ficava bão. P.383
- o oto pegava aquel[e] lá e virava ele e punha el[e] traveis, né, e[le] saía de cá tornava pa, de cá, cê sabe o que é, né? p.407
- Seis caroco num agachava pa panhá ele, pegava só, dexava aquel[e] seis lá na cova, mai[s] o certo era quat[r]o, cinco. (o milho) P. 409
- Aí e[le] botô el[e] no caminhão, levô el[e], ele e um tii meu, um dos irmão do meu pai, os doi[s]. (o homem) p.411

- Aí eu num sei quem é lá que levô el[e], o dotor (...), genro do do do (...), pegô ele e levô pa Goiandira. (o homem) P.411
- El[e] que operô meu pai, meu pai já, a 'pinicite tin[ha] furado, tav' [a]quel[a] lambança já, na barriga del[e], operô ele, el[e] ficô doze dia lá no hospital lá, aí mandô el[e] vim 'bora, e[le] vei pa Catalão, p.411
- Quando era n'oto dia tirava ele e aque[la] paia, jugav'el[a] p'um lado, né, e ia, batia mais encima. (feijão) P.414
- Nunca mais vi o (...), vi ele esse dia, essa hora, que saiu dibaxo da cama lá de medo e saiu na porta da cuzinha entrô nes[as] capuera. P.427
- É, prantei essa roça lá, cuí ela, vindi um ca[do] dos trem, trux' um ca[do], vim 'bora pa tráis. P.386
- Ma[s] até hoje se el[e] chegá aqui, el[e] chega aqui, se el[e] chegass'aqui ago[ra] mim cobrava ela, e[le] fala: "Oh! Cê mim deve ãa carne daquela". P.395
- Ma[s] só tinh um... a a máqu[in]a com o barraco, né, só...É. Intão comprei (...) o res[to] do dinher' dos boi eu fiz a casa, né, aque[le] casa véia qu'eu morava nela, sabe? Fiz ela, o (...) que feiz ela pra mim, a casa. P.395
- Aí passô uns seis mêis eu comprei ota, comprei, pissuí el[a] uns tempo, vindi ela p'um cara lá de Santo Antõe do Rio Verde, p.396
- É, era muié do (...), né, é ãa que morô co (...), bebeu venen' matô o minin', bebeu, deu venen' po minin' tamém, morreu no mei' do mato, mais custaro achá ela! P.404
- Na ép[oc]a, cê muntuava a lenha, picava ela mais ó men', ma[s] num picava curtim não. P.408
- dobrô mais o cabresto que ficô pertim da mula, qu'el[e] puxô ela, e chegô na bêra do barranco, o (...) pegô o revórve del[e] foi (mula) p.426
- Cê levava ela e e cê 'rumava o cara te pedia. Ah! absurdo, cê levava ela e e cê ficav' pensan': (uma quarta de arroz) P.430
- Cê vai, tira lenha de machad' lá". Tin[ha] roçado po lado Mandaguari prá lá assim, pro bax' da Goiaisférti236', pro bax' lá assim, nó[s] roçô um mun[do] véi de mato lá e sapecô el[e] só pa tirá lenha e drumente. P.382
- Tava fazen', já tinha, mais tinha que, que tinha el[e] mais tinha que re...re...reformá el[e], sabe? P.383
- Fui pa lá, prantá ãa roça lá, prantei o arroiz, prantei mio. Aí eu firmei el[e]. E[le] tava numa pobreza, ess[e] hóm'. P.384

- E[le] tinh'ũa eguinha pam... ah! Carijó, pintadinha, baxinha a égua, e el[e] ca[l]ça[va] el[e], ia pra lá, e[le] ca[l]çava ãas botinha [as]sim, p.387
- E[le] ficô ãa semana fedem'. E[le] teve que durmi separa[do] da muié, a muié num aceitô el[e] de jeito niũm...(risos). P.388
- Aí e[le] chegô co' saco de arroiz lá nó[s] repartiu, el[e] trelô el[e] nũa, e[le] tinh'ũa ãa eguinha quemada, quai[se] preta, cor feia, trelô el[e] inriba dessa égua e o hõme muntô inriba tamém e, ó (*som referente à saída da égua*). P.389
- “Vô mudá ess[e] rego, um pedaço del[e]”. Aí nó[s] foi mudá o rego lá e um pedaço, num era ...pedacim poco, tinh'um, deir metr' de cumprimento, mais dav'ũa fundura que Deus mim liv[r]e, um tanto de fundura, pa ataiá el[e] pa mode invitá da ... [en]tão lá pra baxo tava quebran' (o rego) p.391
- morava pra cá, [a]qui nessa bera dess'istrada aqui mais imbaxo, foi lá chamá el[e], que a muié tava rúim, p.392
- Ô ô, eu num cunhicia el[e] não. Eu num cunhicia el[e] não, sabe? p.393
- Avistei el[e] pa fazê a casa, comprei os trem, el[e] feiz a casa e eu mudei pra cá. P.395
- é que levava esse motor pa mim ajudá, to[da] semana tin[ha] que levá el[e] lá pa arrumá. P.396
- Uai, a infração cumeu o dinher' tudo, cabô, se eu demoro tirá el[e] eu tinha fica[do] deven[do] lá no banco. P. 397
- Aí pensei: “Ah! Vô pegá ess[e] dinher' imprestá el[e], imprestá el[e] po [a]giota, e[le] dá um dinher', um jur' bão.” Imprestei el[e] p'um fii do (...), um que morreu de [a]cidente, dos mai[s] novo. P.399
- Uai, [rodear] é pô el[e] na pinera. P.402
- Aí cê pegava assim com a mão assim, ó, tirava el[e] aí cê catava o resto²⁵⁸. É, ficav' facim, né? Era socá el[e] den[tro] lá, é que socava no mijol ô socava na no pilão, né, na mão. p.402
- Quando ô tinha oito ano o (...), cê num cunheceu el[e] não, é o mari[do] da (...) pai do (...), pai da (...), muié do (...), é... pai do (...) é... tinh'ingem, p.402
- que se fos[se] p'ele chamá el[e] leva um pedaço[o] de pau, er' brabo. P.402
- Inchia el[e], ficava arto mem', cheim de cana picada dum lado e do oto, que gastav' dois pa pô cana no ingem, um um de cá oto de lá. P.403
- [A]judei el[e] uns três ano, desse jeito, eu muía trêi' mês em siguido, aí eu laiguei, el[e] tamém laigô de muê, infezô, p.406

- o oto pegava aquel[e] lá e virava ele e punha el[e] traveis, né, e[le] saía de cá tornava pa, de cá, cê sabe o que é, né? p.407
- Esse aqui cê muntuava el[e], fazia os monte pa pegá el[e] aí pra riba, oto pa levá pra casa pa quemá que naquela épo[ca] usava era lenha, mes[mo], né,? (um pau) p.408
- Manheceu o dia, botô el[e] na cuberta, e vei trazê el[e] pa venda aqui, ó, pa curretela. P.411
- Aí e[le] botô el[e] no caminhão, levô el[e], ele e um tii meu, um dos irmão do meu pai, os doi[s]. p.411
- Catalão num tinha médico, num tin[ha] hospital, chegô lá botar'el[e] deitado lá no, tinh'ũa pracinha lá num sei aonde lá, tinh'ũa grama lá el[e] botô el[e] deitado lá e el[e] gritan' ca dor. Aí eu num sei quem é lá que levô el[e], o dotor (...), genro do do do (...), pegô ele e levô pa Goiandira. P.411
- El[e] que operô meu pai, meu pai já, a 'pinicite tin[ha] furado, tav' [a]quel[a] lambança já, na barriga del[e], operô ele, el[e] ficô doze dia lá no hospital lá, aí mandô el[e] vim 'bora, e[le] vei pa Catalão, falô: p.411
- Esse doze eu [a]priveitei el[e] que e[le] num moiô, né, tava batido já, né, doze saco feijão roxo e trêi' saco feijão inxof', falav' inxofim de cipó, e esse e[u] t[r]uxe, t[r]uxe el[e] pa cumê, ess[e] roxo meu pai vendeu el[e]. Aí m[inh]a i[r]mã falô [as]sim: "Oh! Ma[s] cê ranca o feijão e bate qu'eu tráis el[e] pa catá".p.413
- [de]pois cê, de tarde, cê muntuava el[e], jugava a paia encima, ota hor[a] cê insacava. P.414
- Ago[ra], quando é, à veizi tava longe, pa carregá aí cê insacava el[e], p.414
- O feijão, o feijão guardado cum munha el[e] conserva bão. Aí gente soprava el[e], né, 'ranjava as muié pa sopra. Soprav' na pinera. P.414
- De tarde, cê, aquele que avuava pra fora da porta do rancho, pa tráis, aí cê juntava el[e] pa den[tro] do rancho traveiz, 'té ficá, até batê tudo. P.414
- O mii o mii é, era era merma cois[a] de hoje, é puque é bão, hoj' é deferente que muita gente faiz é levá coidera lá pa dibuiá, né? De primero, só quebrava, né, quebrava el[e], fazia as bandera, p.415
- "Esse aqui é o tal 'sombração co, do meu pai, eu vô matá el[e]."p.423
- Aquil' tinha mem', tinh' o (...) cê cunhece el[e], né? p.424 (o chefe dos brigões)
- Eu vi ãa briga feia del[e] um dia, essa amansô el[e], essa briga del[e]. p.424
- O povo tudo dançan', rapai', quando o povo viu el[e] já tava ca mula dent[ro] da torda. P.425

- A muié do (...) deu ãa paulada nel[e], só que o pau era grande e nela batê o pau pegô na bunda da mula primer', num pegô na cabe[ça] del[e], ma[s] se pega a cabe[ça] tinha derrubado el[e], p.425
- E aí o (...) tomô a, tomô essa purretada saiu pra lá tamém, foi atrái' da mula del[e], pel' mo... vê se tirava el[e] de lá pa i[r] imbora. P.426
- Fui, chamei el[e]: p.427
- per[to] do fogo lá. Aí nóir pegô el[e], pôis el[e] dent[ro] des[se] cocho, fa[lou]: p.429
- No oto dia, depo[is] que o dia manheceu o sol já tinha saído nós foi lá chamá el[e], p.430
- Aí nós chamô el[e], sabe, e[le] custô 'cordá, nós achô qu'e[le] tin[ha] murrído. P.430
- Aí nós pegô el[e], sentô el[e] lá inriba de[se] cocho, né? p.430
- Mai[s] aí o sol tinha saído, tava sain' já, aí nó[s] levô el[e] lá pa ber' do fogo, né, p.430
- fazia a mala punh[a], punh[a], jugan' el[a] den[tro] do arrei', foi ãa par[te] dum lado, ot[a] d'ota. P.389
- E[le]s foi na... e[le]s tinh' ido no (...), el[e] deve, deu uns remédi' pra ela, e[le] quiria levá el[a] na cidade p.392
- a muié isquentô essa carne cheia e cortô el[a] lá no prato p.394
- Aí passô uns seis mêis eu comprei ota, comprei, pissuí el[a] uns tempo, vindi ela p'um cara lá de Santo Antõe do Rio Verde p.396
- Pa, pa pegá no ingem que o ingem é muend'assim, que tin[ha] e[la] tinha que sê aparad[a] p'ucê botá el[a] p'ela pegá bem, né p.403
- Ê levava a cuia lá dent[ro] assim, suspindia el[a], batê pa num derramá, o trem fivia, pudia derramá, sabe? P.405
- É é [as]sim, ó, sabe, fazia duas meia, e ota hora fazia el[a] intera, tirava a tabinha do mei' fazia ãa intera. P.406
- Quando era n'oto dia tirava ele e aque[la] paia, jugav'el[a] p'um lado, né, e ia, batia mais encima. P.414
- "Ói", é sua fia, cum'ê que e[la] tá ó, tá morta, cê num quis dexá e[le] levá e[la] pa cidade!" p.393
- e chamei e[le] pa cumê. P.394
- "Não, põe e[le] den[tro] do caminhão, vô levá e[le] pa Catalão, lá e[le]s dá um jeito." P.411

- Aí nói[s] rancô, bateu o feijão, e[le]s truxer'e[le], 'té eu lemb[ro] de tu[do]. (o feijão) P.413
- Aí nós jugô e[le]s dent[ro] do jipe, os dois e eu vim cum e[le]s. p.428
- S'ocê num chamá e[le] pa cumê, el[e] num come. P.431
- e[la] tava ... mui duente, e[le] pelejan' pa levá e[la] no médico p.392
- pediu pa mim oiá e[la]s, aí eu oiei e[la]s lá, (bezerras) p.394
- cê comp[r]a e[la]s eu te dô pasto um ano pr'ocê, p.398
- chegav' lá jugav' e[la]s den[tro] do curral, punha os quat[r]o boi drumi den[tro] do curral cumen' aque[la] oiadura, p.403 (oiadura, ponta da cana)
- ãa hor' cê põe e[la] num pau, p.405 (a cuia)
- e[u] vô puxá e[la] vê se e[la]desce aqui. P.425 (a mula)
- minha mãe fazia armoço mais as minina, chamava e[la] pa [al]muçá s'eu tives[se] lá e[la] num cumia, e[la] tin[ha] vergonha cumê per[to] de mim. P.432
- Não, eu vô levá e[la] dent[ro] de casa num vai cumbiná, vai brigá tudo, né? p.433

7NM(83) – sétimo narrador, gravação em agosto de 2003, no povoado de Pires Belo, na sua casa. Narrador de 83 anos veio de Salvador – BA ainda novo.

Pronomes de 1ª pessoa

- Tem nada que mim alimpa assim, fica mais miozim, agora cabô, ago[ra] num tem jeit' não. P.434
- Fui, fui ofindid' de cobra, carro de boi quas[e] mim torô no mei ãa veiz, p.436
- Uai, eu fui, fui no mato buscá, buscá, buscá vaca, que nós tinha vaca, né, e a cobra mim pegô. P.436
- Um, um boi que tom ... que mim jugô no chão, né? p.437
- e[u] vortav' ma[s] er' morto den[tro] do carro, mim matava. P.437
- Deus mim liv(r)e! p.438
- sarkan' e urran' ele mim babô tud' assim. P.438
- el[e] mim balanço no ar assim p.438
- ingatinhei pa vê se iscapulia do carro qu'el[e] ia mim pegá er' p.439
- Deus mim liv[r]e, gente. P.442
- el[e] mim pegô, o boi mim pegô, jogô dibai[xo] do carro p.442
- num p[r]icis' nem mim chamá não p.445
- Ieu ãa...num era brabo que e[le]s tu[do] mim obidicia mem p.446

- Passava [fome] uai, a princípi', Deus mim liv[r]e. p.446
- Aí ninguém num mim via mai[s], né? p.448
- Meu pai ãa vez foi mim pegá pa di... muito pa dien[te] de Cristalina. P.449
- Peguei na pelna da mãe pensano que era da fia, a sinhora mim desculpa, tava de noite eu num via. P.449
- meu pai pôis eu den[tro] do carro, p.438
- meu pai gritô po Bão Jesus, que el[e] era devoto do Bão Jesus, né? Po Bão Jesus acudi ieu. P.440
- el[e] num aceitava ninguém, só respeitava ieu. P.442
- graças a Deus todo mundo quiria ieu pa pa sê rocero, p.433
- Ña hora e[le]s punha ieu na viola, n'ota hora punha na caxa que num tinha quem tocasse a caxa p.444
- semp[r]e meu pai quiria bem eu mu[i]to mem', p.447
- Minha mãe viajava carregan' criança nos braço, tinha, tinha noite que p[r]icisav' do pai iscapuli e dexá nós co'ela suzinha e puxano tropa no cargueral, p.448
- o povo gostav' de chamá nós pa nós fazê chegada, vê nói' brincá, né? p.448
- [o medo] puke o trem num num amola a gent', né? p.450

Pronomes de 2ª pessoa

- Solta qu'es[se] boi te mata, sorta qu'es[se] boi te mata p.438

Pronomes de 3ª pessoa

- eu 'b[r]acei ele assim e falei: (o boi) p.438
- el[e] ia chegá morto, cê matava ele, p.439
- Não, fazê ele [carro-de-boi] eu num fazia não. P.442
- Não, batê no nos oto el[e] num batia não puke ninguém isperava ele, né? p.445 (o pai)
- Batia, ô era prciso nós tá tá sempre chegano nel[e] e acudino ela, né? (mãe) p.435
- Eu, quand'eu vim prá cá eu já tav' perden'ela [a visão], né? p.436
- eu que ajudava ela fazê forno, né? p.436
- pelejô pa pegá ela den[tro] d'água, (a cobra) p.436
- nós pôis ela pa sê a alfer da bandêra. (a irmã) P.444
- Eu chamava ela. (a mulher) P.446

- O resto do povo, famia largô el[e] tudo. Po[r] res[to]nóis achô el[e] já morto suzim p.435
- acho que foi o istrondo que matô el[e], né? p.435
- Pa descê incima de mim eu abaxei el[e] pelo zói fiquei com o istôm[ago] aqui na testa del[e] p.438
- É o ca...é os boi que puxa el[e], né? (carro de boi) p.441
- Nói largô o pai, nóir num güentô el[e]. p.445
- Todo mundo num podia vê el[e], né? (o pai) p.447 (o pai)
- A puliça vivia prissiguin' el[e]. Eh! P.448
- Ah! Pudia arredá, quan[do], s'eu tivesse cangan' e[le]s, num p[r]isav' ninguém chegá, né? p.440
- Não, as carne ...de de cumê seca e[la]s né, no sol, todo dia punha e[la]s no sol, né? p.446

8NM(80?) – oitavo narrador, gravação em junho de 2003, no povoado de Pires Belo, na sua casa. Narrador de oitenta anos.

Pronomes de 3ª pessoa

- Num cheguei a conhecê ele não. (meu pai)456
- O leite eu chego e fervo ele, né? p.456
- se brincá inda matava ele e interrava lá no cerrado. P.457
- peguei o isquero dibaxo do trabissero, puis a mão aqui, risquei ele, cindi a lamparina e aquel[e] trem largô meu braço. P.457
- Depois o (...) resolveu levá ela po asilo, né? p.451
- Ranquei, ranquei ela, deu, dei pra ela, dismanchô. (a mandioca) P.456
- Pode trazê el[e], nós vai zelá dele”. P.452
- Aí, meu sirviço era cascá mii, dibuiá, pô e[le]s o carrim de ferro, levá no mûi308 lá imbaxo, (milho) p.452

9NF(53) – nona narradora, gravação em agosto de 2003, no povoado de Pires Belo, na sua casa. Narradora de 53 anos, a única com idade inferior a sessenta anos. Segundo a autora, “suas memorias diferenciam-se das dos outros sujeitos: tem apenas três filhos, estudou, tem mais desenvoltura com a cidade, trabalhou na casa do patrão dos pais, nunca precisou trabalhar em roças”.

Pronomes de 1ª pessoa

- a minha mãe quair num dexava nós brincá no corgo não, p.459
- Dexô nós criança inda. P.479

Pronomes de 2ª pessoa

- Dimão é quando 'ocê ajunta muita gente pa te ajudá. P.480
- aquela pesso[a] qué te ajudá intão esse cham'os pião, os cumpanhero tudo ajunta, reúne nũa casa e vai te passá a treição, aí cê chega lá c'aquel' tantão de pião, e[le]s faiz seu seiviço, e[le]s passa a treição. p.480
- e[le]s fica na moita de tucaia, pa te isperá. P.481
- Igual cê tá sentada aqui chega um bando de gen' pa te ajudá ocê arrumá a casa ô fazê, a gen' chama treição. P.480
- E[le]s tá, e[le]s pegô ocê de supresa, né? p.480

Pronomes de 3ª pessoa

- dos do[is] mêm[s] de idade e[u] achava que perdia ele. (o menino) P.460
- Aí o toicim cê guardava ele. P.465
- Faiz o bolo dela, mes[mo] faiz o povilho e te...tem o cará também, cê pranta ele, el[e] dá pra fazê a mistura, né? p.467
- Amarelo iscuero, el[e] num dexe a gen' vê ele direito. P.475 (jacu)
- Esse eu num cunhici ele maisi já vi falá. P.481 (jagunço)
- Coloca o arroiz e soca ele, p.483
- Aí, não aí e[le] tir'o farelo a o marinho dele, né, discasca o a sai o farelo e cê sopra ele, né? p.483
- É o arroiz que fica no mei' do do outro, né, que ocê cata ele. P.483
- aí o povo cham'ele de marinho. (...) Pilá é discasca ele. P.483
- É, depois que abre ele, tira as banda e carrega, né, p.483
- cê quiria a carne de osso cê 'quentava ela, cê quiria a ota que não tivess' de osso cê 'quentava. P.465
- eu picava ela [as]sim, fritava, tampava el[a] de gordura p.465
- Pega o a massa, cê rala ela e tempera ela, p.466
- A farinha usa ela de muitos tipi. Faiz, com[e] ela na cumida, né, P.466
- É salgada [as]sim e se num pô muito sal p[de]' fazê ela cum men[os] sal. P.466

- cê fala aque[la] farinha que quebra o milho, põe ela curti, p.467
- É [as]sim, come ela com a cumida, né, a verdura, só. P.467
- É [as]sim, faiz ela de pau, né, p.469
- olha lá no pé pa vê se tá madura cê tem que palpá ela. P.471
- cê corta ãa vara finca ela no chão. P.476
- Cê dispela ela e faiz um safadim no chão, p.476
- A pessoa que tá tussin' põe ela no café e toma, (banha de galinha) p.477
- Essa palavra e[u] num usei ela, né? p.482
- cê tem que pindurá ela, pindura os quarto e tira, né, as carne. P.484
- Esse diz que morreu, a inchent' tocô el[e], mai[s] que e[le] tava tonto infio na inchente. P.469
- Come el[e], cata el[e] lá e, se consigui panhá pu ca[usa] dos ispim, é, aí a gente come, e[le] dá muita sementinha, el[e] é durim pa mastigá. P.472
- aí cê corta el[e] apruveita, é o palmito. P.473
- O abacaxi cê po[de] chupá el[e] até verde qu'el[e] num pinica, e o ananais pinica. P.474
- Dá no mato, no campo, num é todos campo que dá el[e] não mai[s] dá, esse é nativo e e[le]s do, do campo. P. 474
- A não a a cor do jacu é mui difice a gen' vê el[e], é amarelo. (jacu) P.475
- o minino pegô el[e], e era cinco hor' da manhã el[e] vêi e quebrô o vidro da do carro. (jacu) P.475
- Nã...que o muntum dá p'ocê vê el[e] direito, p.475
- aí e[le]s arma el[e] o bicho soca dibaxo, aí el[e] disarmar e pega, né? p.476
- Não, el[e] faiz e[le]s de vara, tampa el[e] todim, faiz aquel[e] caxotim, po[de] carregá el[e], aí e[le]s põe um pinguelim lá dento, né? p.476
- A arapuca pega pega el[e] vivo, né, p.476
- Ah, o bodoque e[le]s pega ãa vara, um pau e e trabalha, faiz el[e] trabalhado, né, p.476
- ela cumpanhó el[e] muito tempo andan' atrás. P.478
- Dalgua passá no lugá difici', qu'era val, é córrego, né, a gente ajudava el[e], ficava na fren[te] dos boi, né, e pra el[e] passá, ajudá el[e]. p.480
- Pricisa da folha de banana ô a palha do milho, depois que mata el[e] sapeca, né, p.483
- É, depois que abre ele, tira as banda e carrega, né, e...aí vai picá el[e]. p.483
- eu picava ela [as]sim, fritava, tampava el[a] de gordura e... p.465
- eu levava e[le]s no médico. P.460

- Não, el[e] faiz e[le]s de vara, tampa el[e] todim, faiz aquel[e] caxotim, po[de] carregá el[e], p.476

- munta gente ispreme e[la] no pano, p.466

10NM(85?) – décimo narrador, gravação em junho de 2003, na Fazenda Morro Agudo, na sua casa. Narrador que tem dúvidas com relação a sua idade, mas que acredita que tem oitenta e cinco anos. Não é casado, não tem filhos e não sabe ler.

Pronomes de 1ª pessoa

- “Oh! O cascavel mim pegô” p.492

- “Sô ’cê mim [aju]dá buscá a a (...), p. 499

- Ah! Mamãe, um bicho mim pegô aqui p. 499

- Ô, (...) cê mim ’juda pô el[a] nas costa, p.499

- Essa gripe de[sde] d’eu novo nunca mim largô. P. 408

- ela [a mãe] dexô nós tudo novo. P. 484

- A minha mãe quan’ pegav’ nós er’...quai[se] rancav’ o coro. P. 488

- O, o meu pai num dexava nós trabaiá não. P. 497

- o mió médi[co] de Goiana chamô nós lá no hospitali... p. 505

Pronomes de 3ª pessoa

- a cobra pegô ele, p. 493 (o homem)

- Discasca ele assim (*gestos*). P. 495

- “Traiz ele aqui”. P. 506 (eu)

“Traiz ele aqui”. P. 506 (eu)

- Nós internô ela... p. 485

- el[e] jogô ela no pé del[e]. (a cascavel) p.492

- É, ó, de dia, quan[do] vê ela, Deus ajudan’, num tem nada que, viu ela, ma[is] quan[do] num vê ela, ah! P.493

- matá ela e fe[r]ve ãa água, ela é limpada cum cum água. P.494

- Mata ela e ’ruma e e móia el[a] bem d’água, p.494

- Daí ela, ela falô assim, a mãe dela chamô ela: p.499

- Ô (...), é o jeito é ocê ’judá levá ela l’im... p.499 (a filha)

- Ô ô (...) intão cê ’juda ela levá ela l’em casa, eu vô atrás dum carro agora pa levá e ela pa cidade. P.499

- Aí eu peguei ela, ieu e um irmãozim del[a], o irmãozim del[a] tav' grandim assim já (*gestos*). P.499
- Joguei ela nas costa e istancô lá de cima aqui e inda, inda bem que era cabeça baxa360, né? E eu, e eu (*risos*) vim carregan' ela. p.499
- Pegav' ela aqui ia levá lá no, lá, perto daquel[e] morro ali. P. 501 (a bacia de comida)
- o cumpanhero já levava ela cedo. P.502
- Não, que a roça, planta ela é no tempo do, da chuva, né? p.502
- Nóis internô ela no hospital, né? p.504
- cêis pode levá ela pa quaiqué país do mundo. (a mãe) P505
- Eu tratava el[e] de (...), né. (irmão) p. 484
- Eu tratava el[e] de (...), e ele mim pôis apilid'(...). p.484
- rumava um ganchão grande assim ó e ia inganchan' el[e] ali. P.491
- rumô um carro pa pa levá el[e] pa cidade p.492
- benzeu el[e] mais el[e] 'tava fican'(*incompreensível*)... p.492
- o cascavel peg ô, pegô el[e] mem', mem' na, no, na mão. P.492
- Não, o venen' da cob[r]a subiu e matô el[e] na hora.p. 493
- E e e[le]s fala, e[le]s fala que é o o, a cob[r]a que pegô el[e], num tratô direito, né? p.493
- Aí [fal]ô, aí...e[le]s, e[le]s fô...es[se] (...) que curô el[e] da, ufindid' do co...da cobra foi quais[e] só quais[e] benzedô. P.493
- Mata el[e] arrum', 'ruma el[e] bem pre...preparadim e e pod' cumê el[e] a...afogado, assado, frito. P.494
- O hôme qui 'tava atiran', o oto chegô e pegô el[e] na faca. P.501
- Levá po fugão, isquentá el[e] [de]vagazim até el[e] vortá o normal. P.503
- internô el[a] im Goiana, p.485
- “Óia s'ocêis tivé dinhêro pa gastá ca sua mãe, pode levá el[a] quarqué país do mundo, num tem jeito não.” P.485
- A istrada era, é, er' istrada véia mem', mai', mais ó meno, mais é dis...arrumava el[a] de inxadão, p.487
- A carne e, matav' o porco, a arrumav' el[a], retaiav' el[a] tudo e punha no sol secá. P.490
- E sagô el[a], que a varigera que põe bicho, né? Ago[ra] se sagô el[a], a varigera num num senta.p.490

- Matava e arrumava tudo bem 'rumadim, sargava el[a] punha no sol, dá dá, dá pa cumê muitos mêis. P.490
- É ô cumia, é...ô...é...fazia el[a] de frita (*risos*). P.490
- Sagô el[a] tamém cabô. P.491
- joga e[l]as incima do pé, jog'el[a] pu cima do pé e el[a] (*gestos*). P. 493
- Mata ela e 'ruma e e móia el[a] bem d'água, p.494
- É é, tem o, tem a, fru[ta] tem lober[a], ma[s] a lobera cumê el[a] e mo[rre]... p.496
- E aí ela dispidu da das colega dela e aí el[a] mem' contô qu'eu ieu ieu fui ubrigado carregá el[a] nas costa. P.498
- “Ô ô (...) intão cê 'juda ela levá ela l'em casa, eu vô atrás dum carro agora pa levá e ela pa cidade. Levá, levá, levá el[a] agora” p.499
- Ô, (...) cê mim 'juda pô el[a] nas costa, eu ca...levo el[a] nas costa p.499
- Que na, a muage de cana tem que fazê el[a] tod' je[ito] é nes[se] tempo. P.502
- Foi vê el[a] tadinha, 'tav' magrinha! P.505
- Agora, s'ocêis tivé dinheiro prá, pa tratá da sua mãe, pode levá el[a], p.505
- Essa d[r]upisia é a pessoa dá el[a]. p.505
- Chama e[le]s pa pa mim fa[lar], cunvesá co'e[le]s p.504